

Cadernos Teologia Pública

Narrar a Ressurreição na pós-modernidade.

Um estudo do pensamento de
Andrés Torres Queiruga

Maria Cristina Giani

ano VI - número 45 - 2009

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Narrar a Ressurreição na pós-modernidade.
Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga

Maria Cristina Giani

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VI – Nº 45 – 2009

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Narrar a Ressurreição na pós-modernidade.

Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga

Maria Cristina Giani

1 Introdução

O trabalho pastoral sempre evidencia de novo o desafio e a importância da linguagem na comunicação da Boa Nova. Não é a mesma coisa falar para jovens, para crianças ou para mulheres simples de uma vila. Para piorar a comunicação, para expressar nossa fé, nós, os cristãos (ou ao menos a maioria dos católicos), muitas vezes usamos uma linguagem que corresponde à de séculos passados, com palavras esvaziadas de sentido.

Na busca de respostas a esta problemática, encontramos importante contribuição na obra do teólogo Andrés Torres Queiruga, a qual revela sua preocupação constante de buscar novas categorias, um novo paradigma para expressar mistério de Deus nestes tempos de

modernidade ou pós-modernidade. Por isso, o escolhemos como referência para um estudo e reflexão sobre a experiência da Ressurreição núcleo central de nossa vida e missão cristã.

Desenvolvemos este estudo em três partes. Na primeira parte, apresentamos um breve estudo sobre a experiência da Ressurreição no Novo Testamento. Analisamos as narrativas pascais, realçando as contradições, os pontos de unidade e a estrutura dos textos, culminando com um estudo de dois textos sobre as aparições do Ressuscitado, um do Evangelho de Lucas e outro do Evangelho de João, para refletir sobre o itinerário ou processo de Ressurreição que narram os evangelistas ou suas respectivas comunidades. Na segunda parte, trabalhamos a reflexão de Queiruga sobre a experiência de Ressurreição,

expondo o desafio que o autor faz de realizar uma mudança de paradigma na compreensão e explicitação da verdade central de nossa fé, o mistério da Ressurreição, nos dias de hoje. E, na terceira e última parte, fazemos um pequeno confronto entre o pensamento de Queiruga e os dos teólogos Jon Sobrino e John Dominic Crossan sobre o mistério da Ressurreição. A escolha destes dois teólogos se deve ao fato de que suas teologias nascem em contextos diferentes do de Queiruga, mas os três enfrentam de diferentes formas a luta de “interpretar teologicamente” nossa fé nos dias de hoje, para que ela continue dando sentido à vida peregrina de nossos povos.

Finalmente, na conclusão, apontamos algumas inquietações e reflexões que o estudo da experiência da Ressurreição nestes teólogos, especialmente Queiruga, suscitaram, destacando alguns pontos para continuar aprofundando o tema e suas consequências para a vida e o compromisso cristão nos dias de hoje.

2 A experiência da Ressurreição no Novo testamento

A primeira aproximação que podemos ter ao mistério da Ressurreição de Jesus é por meio das narrações dos

evangelhos e do testemunho de Paulo. Daí a importância de compreender a mensagem que nos transmitiram os e as primeiros/as testemunhas da Ressurreição de Jesus.

As primeiras testemunhas não falam de como foi a Ressurreição de Jesus, porque ela é obra de Deus (Fraijó 1999, p.728). Elas comunicam sua experiência de encontro com o Ressuscitado. Para este autor (1999, p. 728):

Os autores do Novo Testamento são sumamente respeitosos para com a “realidade” da Ressurreição. Em nenhum lugar “descrevem” a Ressurreição de Jesus. Não há propriamente testemunhas da Ressurreição. O “fato” não foi presenciado por ninguém. A Ressurreição é obra de Deus e, como tal, nem a mais potente máquina fotográfica a captará. Os homens do Novo Testamento se apresentam como testemunhas do Ressuscitado, mas não da Ressurreição. Na linguagem realista diríamos que contemplaram os efeitos, mas não o fato em si (Fraijó 1999, p.728).

Portanto, nos achamos diante do mistério.

As primeiras comunidades buscaram, então, narrar com a linguagem própria da época seu processo de descoberta de que Jesus de Nazaré, que morreu crucificado, está vivo, ressuscitou! É importante que tenhamos em conta o gênero literário utilizado para comunicar esta experiência para poder aceder ao verdadeiro significado que as narrativas contêm.

Estamos, pois, diante de duas grandes “perguntas”. A primeira é sobre a historicidade da Ressurreição de Jesus e a segunda sobre a hermenêutica que utilizamos para desentranhar a mensagem evangélica da Ressurreição.

Não é nosso objetivo apresentar a longa discussão sobre a historicidade da Ressurreição¹. Partimos da base de que a Ressurreição é um acontecimento histórico-escolástico. Acontece na história do crucificado de Nazaré e, por conseguinte, na história da humanidade, a manifestação da plenitude dos tempos. A Ressurreição esperada no final dos tempos acontece antecipadamente e plenamente no Filho de Deus. A Ressurreição de Jesus irrompe na história e afeta-a, mas não é um fato que fique preso na história, já que a ação da Ressurreição vai além da história, é também então uma ação escolástica. No dizer de Sobrino (2000, p. 31):

A ressurreição de Jesus no Novo Testamento é apresentada como a ação de Deus em que o escolástico irrompe na história e onde começa a manifestar-se a verdadeira realidade de Jesus. Neste sentido, no Novo Testamento a ressurreição de Jesus é narrada como acontecimento sem precedentes em nenhum outro

acontecimento histórico. Por isso não é nem pode ser descrita como acontecimento intra-histórico, mas é descrita mesmo assim, como acontecimento que se percebe na história e que afeta – decisivamente – a história.

Pelo Mistério da morte e Ressurreição de Jesus, a eternidade irrompe na história da humanidade e, por sua vez, a humanidade é submersa na eternidade. Dufour (1973, p. 91) diz que “é na cruz onde se compreende o mistério de Jesus; é num acontecimento terrestre da vida de Jesus onde se manifesta a glória de Deus em seu Filho”.

Afirmar que quem ressuscita é o inocente crucificado Jesus de Nazaré revela que a Ressurreição é a proclamação, por um lado, da justiça de Deus e, por outro, da esperança de todos/as os/as crucificados/as deste mundo. Nas palavras de Sobrino (2000, p. 26), “Deus faz justiça, devolvendo a vida a uma vítima inocente, Jesus, e por ele, a esperança se transforma em esperança para as vítimas, uma esperança praxica que faz descer da cruz os povos crucificados”.

Segundo Leonardo Boff, existem diferentes interpretações da fé na Ressurreição na teologia católica, a que ele dá o nome de “tendências”. A tendência tradicio-

¹ Cfr. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. FORMOSO, Ana. *A Teologia da Ressurreição em Jon Sobrino*, Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS, 2005), 2005; SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

nal, a tendência da exegese moderna e a tendência da exegese hermenêutica, é a que tomaremos em conta. Para esta terceira interpretação, a Ressurreição é, indiretamente, um fato histórico anunciado dentro das categorias da época.

A ressurreição não é diretamente um fato histórico, possível de ser detectado pelo historiador. É um fato que aconteceu em Jesus acessível pela fé baseada nos testemunhos dos que viram Jesus, depois de ter sido crucificado. Por isso o fato-Ressurreição entra na ordem do mistério que rompe as categorias do espaço e do tempo. Seu anúncio só pode ser revelado, e, se for manifesto dentro da história, o será velado por símbolos e aparições. As categorias para exprimir esse novo modo de existir de Jesus são determinadas pelo ambiente da época (BOFF, p. 35).²

Ao ser a Ressurreição um acontecimento histórico-escatológico, é possível que os primeiros/as discípulos/as possam percebê-lo em sua historicidade vivo, tendo acesso a ele só pela fé, só ela lhes concede acolher a novidade da revelação do Ressuscitado. Dufour (1973,

p. 305) explicita as características histórico-escatológicas do evento da Ressurreição da seguinte maneira:

Realizado no silêncio de Deus, este acontecimento está firmemente testemunhado por uns homens desta terra. Se bem não é reconhecível pela ciência histórica, domina a história e dá conta dela; mostra que esta nova existência pertence, de um modo novo, à história, sem que, portanto, se possa abarcar sua realidade própria; no vocabulário exegético se qualifica este ato de escatológico, é um fim do tempo alcançado por Jesus e reconhecido pelo crente.

Paulo, na sua carta aos Coríntios, é o primeiro a narrar a experiência da Ressurreição, sem usar o gênero literário dos evangelhos, permitindo-nos aproximar, mediante a corrente de testemunhas que apresenta, da historicidade de Jesus: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze” (1Cor 15,3-5). Comentando esses versículos, Freijó (1999, p. 726) considera que a intenção do apóstolo é evidente: é possível interrogar as

² Esta aparente diferença na linguagem entre Boff e Queiruga se deve à compreensão da categoria histórica ou empírica. Voltaremos a essa questão quando tratemos o significado e as dificuldades do conceito de experiência, cfr. p. 34.

testemunhas. Tudo indica que o apóstolo pretende oferecer uma prova histórica da Ressurreição de Jesus.

A única maneira de falar sobre a dimensão escatológica da Ressurreição é por meio de imagens e analogias que a primeira comunidade tomou da cultura literário-religiosa. Precisamos, então, conhecer a linguagem dos evangelhos para não fossilizar sua mensagem e, sobretudo, para continuar comunicando sua vida nas diferentes linguagens de hoje. É a exortação que nos faz o Concílio na GS n° 44: “a verdade revelada pode ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado”.

2.1 *Contradições e unidade dos relatos das aparições*

Buscamos aprofundar o significado das narrativas das aparições, desvelando algumas de suas contradições e também a unidade que existe entre elas. A compreensão do significado do verbo “aparecer” nos ajuda a descobrir a realidade das aparições.

2.1.1 Significado do verbo “aparecer”

Os textos evangélicos mostram que a comunidade primitiva utilizou ao menos dois tipos de expressões para

comunicar o encontro dos primeiros/as discípulos/as com o Ressuscitado. Um foi “ressuscitou de entre os mortos”: “O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (Lc 24, 34), e o outro “foi exaltado aos céus, como Senhor e Cristo”: “Esta graça que nos foi concedida antes dos tempos eternos em Cristo Jesus agora foi manifestada pela aparição de nosso Salvador, Cristo Jesus” (2Tim1,10). As duas linguagens de expressão da Ressurreição coincidem na afirmação de que Jesus ressuscitado se deu a conhecer aos seus, “apareceu”, “se fez ver” (cfr. Mt 24,30; Mc 16,9; Lc 24,36).

Com essa expressão, os autores neotestamentários explicitam que a iniciativa na comunicação da boa nova da Ressurreição é de Deus, é Ele que apresenta, pela ação do Espírito, a seu Filho ressuscitado aqueles que tinham partilhado sua vida. Assim, lemos no livro dos Atos:

Deus o ressuscitou ao terceiro dia e lhe concedeu manifestar a sua presença, não ao povo em geral, mas a testemunhas designadas de antemão por Deus, anos que comemos com ele e bebemos com ele após a sua Ressurreição dentre os mortos (At 10,40).

Os relatos coincidem também em que essa aparição não é uma ação que só diz respeito a Deus, mas também afeta profundamente a vida dos/as primeiros/as cris-

tãos/ãs. Eles/as já não são os/as mesmos/as, das lágrimas passam à alegria, do medo à coragem, do isolamento à comunidade. É também consequência dessa ação de Deus, que se revela no Ressuscitado, a missionariedade da comunidade primitiva, que faz parte da natureza, da identidade da comunidade.

A Bíblia grega utiliza para narrar as aparições o verbo *ôphtè*, que quer dizer apareceu ou se fez ver. Assim, a análise do significado deste verbo auxilia a entender a iniciativa da ação divina e suas consequências. Segundo Dufour (1973, p. 89), este verbo, na Bíblia grega, contém duas características de um Deus que se faz ver e atua. Se Deus se mostra, é para falar ou para agir, para chamar ou para enviar em missão. E depois ele mesmo continua:

Se adverte que o uso deste termo se encontra tal qual em Josefo e na literatura rabínica, podemos concluir que temos, já nele, o essencial do que nos proporcionará a descrição evangélica das “aparições”, Jesus ressuscitado assumindo o papel de Deus mesmo: iniciativa e missão (DUFOUR, 1973, p. 89).

2.1.2 O real de aparecer

Deparamo-nos agora diante de outras perguntas: Quando se fala de aparição do Ressuscitado faz-se refe-

rência a uma aparição visível? Os apóstolos viram o Ressuscitado? Mas, como pode haver uma percepção sensível de uma realidade transcendente?

O teólogo espanhol Queiruga (2004, p. 172), guiado pelo pensamento moderno, responde da seguinte maneira:

É preciso levar a sério a evidência de que a fé na ressurreição implique por si mesma a impossibilidade de um sentido realista: o Ressuscitado, justamente por sua glorificação, que o introduz, de maneira definitiva, na transcendência divina, está acima de toda possível percepção de caráter fisicamente constatável ou manipulável.

A isso se somam as contradições de tempo e espaço que encontramos na leitura comparativa das narrações das aparições nos diferentes evangelhos. Marcos não narra nenhuma aparição, mas diz claramente que Cristo se deixou ver na Galileia (16,7b). Depois se lhe agrega um relato condensado de aparições que é, sem dúvida, tirado de outros evangelhos. Enquanto Mateus relata a aparição de Jesus na Galileia (28,16-20), Lucas não faz menção a nenhuma aparição nessa cidade, se não no caminho de Emaús e em Jerusalém. João faz referência a três aparições em Jerusalém e, no agregado do capítulo 21, menciona uma aparição na Galileia.

Entretanto, como é possível Lucas afirmar que as aparições duraram quarenta dias (At 1,3) e narraram a ascensão no mesmo dia da Páscoa (Lc 24, 51)? Dufour (1973, p. 25), considera que só é possível respeitar os diferentes textos evangélicos, tendo em conta que as contradições que apresentam entre eles obedecem a diversas construções literárias e tradições religiosas, a de Jerusalém e a de Galileia.

Segundo Boff (1996, p. 51), o melhor conhecimento das tradições e do trabalho redacional dos hagiógrafos induz a concluir o seguinte: as aparições na Galileia têm mais fundamento histórico; as de Jerusalém seriam uma elaboração teológica das vivências na Galileia, com a intenção de relevar o significado histórico salvífico da cidade e da comunidade primitiva aí formada.

Também podemos classificar como “oficiais” as aparições que são as que afetam os discípulos reunidos e somam um total de cinco, variando a localidade como já foi dito. Essas narrações refletem a disputa de liderança nas comunidades.³ E as aparições privadas, que se referem a pessoas individuais, são um total de três (Mt 28, 1-15; Lc 24, 13, 35; Jo 20, 11-18). No entanto, a consideração de todas essas distinções não compromete para Dufour (1973, p. 157) a profunda unidade da mensagem pascal:

Todos os evangelistas mostram na aparição do Ressuscitado o coroamento da existência e obra de Jesus, isto é, a inauguração, por meio de sua morte, do tempo da Igreja. As aparições têm todas como fim fundar a Igreja.

Desta forma, tendo em conta as diferenças de gênero e intenção das narrativas das aparições, elas manifestam uma grande unidade no significado, Cristo Ressuscitou e se deu a conhecer aos seus.

2.2 Estruturas comuns aos textos da Ressurreição

Aos diferentes encontros de Cristo Ressuscitado com seus discípulos/as se lhes deu o nome de aparições. É uma experiência nova, mas que está em íntima relação com a vivência que eles/as tinham com Jesus antes da sua Paixão.

Elas (as aparições) sem dúvida afundam suas raízes na comunidade que os discípulos haviam formado em nome de Jesus antes da páscoa e haviam de reconstituir espontaneamente depois de páscoa, mas era uma experiência radicalmente nova (DUFOR, 1973, p. 307).

Nesta nova experiência, baseia-se a Igreja nascente: o mesmo Jesus que os chamou no lago, nas ruas e

³ Cfr. p. 53.

praças de Galileia, com quem conviveram e a quem seguiram, depois de sua morte, novamente vai ao seu encontro para fazê-los/as partícipes de sua nova vida, e assim, fazendo-os/as parte de seu corpo ressuscitado, os/as envia.

Em que consiste esse encontro com o Ressuscitado? Nos relatos das aparições, podemos ver que elas descrevem este encontro em forma de processo, que vai de uma situação de dor, de desesperança dos discípulos/as pela morte cruel de seu Mestre ou de busca de seu cadáver até a proclamação de que ele está Vivo. É o caso das mulheres que vão ao sepulcro em Mateus, dos discípulos de Emaús em Lucas, de Maria Madalena em João.

Para Dufour (1973, p. 308), os evangelhos relatam o encontro do Senhor com seus discípulos, segundo um itinerário que permanece típico para todo encontro. O autor acrescenta em que consiste esse itinerário:

Este não consiste na revelação de uma coisa que se tem dito, senão no reconhecimento progressivo de uma pessoa. O itinerário se descreve em primeiro lugar como o passo de uma experiência sensível a uma convicção espiritual. O primeiro contacto é pressuposto como um tocar ou um ver, mas está subordinado ao reconhecimento da identidade daquele que está presente. Agora, temos que ir mais longe: o reconhecimento se realiza, em Emaús, no momento em que o Senhor desaparece,

e o gozo dos discípulos é total depois que o Senhor se separou deles (Lc 24,52-53).

Nesse processo, movido pelo Espírito, brota a nova fé da comunidade primitiva na Ressurreição, que é o seu maior. Fé que causará alegria, que se fará anúncio da boa nova, fé que os/as levou a dar a vida como Jesus.

Temos de esclarecer que, quando falamos de encontro com Cristo, não nos estamos referindo obviamente a um encontro “cara a cara”, mas a uma experiência de amor entre duas pessoas, a uma relação dinâmica e vital. Dufour (1973, p. 308) distingue descreve-o da seguinte forma: “No quarto evangelho, o itinerário leva da audição à inabitação. Já Maria Madalena não se volta ao Senhor porque o tenha visto, e sim porque o escutou pronunciar seu nome” (DUFOUR, 1973, p. 308). Novamente se apresenta o encontro como uma relação de amor, amor que leva ao reconhecimento de Jesus por parte de Madalena e a nova união entre eles se faz envio, missão: “Vais com meus irmãos.....” (Jo 20, 17b).

Quem é o Cristo que sai ao encontro de seus amigos e amigas de caminhada? É fundamental para nossa fé descobrir que o Ressuscitado se apresenta aos seus com as marcas de sua paixão, agora transformadas pelo amor. Sim, é o mesmo que nasceu na estrebaria de Belém, que anunciou o Amor do Pai aos mais pequenos

com suas obras e palavras, que por fidelidade a Deus e a nós morreu injustamente numa cruz. Ele é o Ressuscitado que se deixa “ver” pelos seus (Jo 20, 24-28).

Pedro o diz claramente no seu primeiro discurso no dia de Pentecostes:

Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse (At 2,22-24).

3 Experiência da Ressurreição em Andrés Torres Queiruga⁴

Reviver, repensar e comunicar a experiência central da fé cristã, a experiência da Ressurreição, de modo

significativo para os dias de hoje é, sem dúvida, um dos principais desafios para os/as cristãos/ãs. Andrés Torres Queiruga enfrenta este desafio através de um *fazer teológico* marcado por uma abordagem renovada das grandes questões teológicas, em fiel sintonia com as Escrituras e a Tradição, mas repensadas nas categorias da modernidade em diálogo com a cultura e as diferentes tradições religiosas.

3.1 A fé que busca a inteligência em contextos de mudança

“Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou, e, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia, e também é vazia a fé que vocês têm” (1Cor 15,12-14). O apóstolo Paulo, no mais antigo texto sobre a Ressurreição, afirma a sua centralidade e a sua importância para a fé cristã. Sem ela, a vida cristã perde sentido.

Tanto os relatos paulinos como os evangelhos contam a experiência que as primeiras comunidades tiveram de encontro com o Ressuscitado. Com linguagens e

⁴ O Prof. Dr. Andrés Torres Queiruga, sacerdote e teólogo galego, nasceu em en Aguiño (Ribeira) a 28 de maio de 1940. É professor na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Ele é licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade de Comillas, Espanha, doutor em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Entre suas obras publicadas em português, destacamos *A revelação de Deus na realização humana* (1995), *Recuperar a Criação. Por uma religião humanizadora* (1999), e *Repensar a ressurreição* (2004), na qual se baseia a maior parte desta reflexão.

estilos diferentes, proclamam sua convicção sobre a Ressurreição de Cristo, a qual Queiruga define como firme e sincera. Para ele, ela não é arbitrária, mas “pretende referir-se a algo real, pelo que até se está disposto a dar a vida” (2004, p. 53). Essa “convicção”, experiência, é vivida num contexto cultural, religioso, histórico determinado, que não podemos ignorar na hora de buscar compreender essa experiência. Ela está tingida com as características dessa época concreta. E nesses parâmetros também se explicita e comunica e pode então ser acolhida por outros.

Para Miranda (2004, p. 181), toda experiência humana é necessariamente própria de uma época; resumida numa palavra, é histórica. Segundo esse autor:

A experiência humana, enquanto humana, é um fenômeno captado e percebido pelo ser humano. Nela entra não só a percepção, mas também o *pensamento* que a entende como tal. Daí devemos afirmar que toda experiência humana é experiência interpretada. Não experimento e posteriormente faço uma leitura do que experimentei. Experimento intepretando (MIRANDA, p. 181).

Dessa maneira, podemos entender a íntima relação entre experiência e interpretação, a experiência influi na interpretação e a provoca, mas também sucede o contrário as referências interpretativas influenciam a ex-

periência. Essas referências interpretativas ou quadro interpretativo, como disse Miranda (2004, p. 181), são os modelos de pensamento, teorias, valores, sentimentos, expectativas que constituem a linguagem da época. Para ele (2004, p. 181), existe uma relação dialética entre experiência e quadro interpretativo, e coloca como exemplo a experiência dos primeiros cristãos/as com Jesus, os quais têm como marco interpretativo o Primeiro Testamento, que é insuficiente para a percepção e expressão do Salvador.

Obviamente, o quadro interpretativo que tem a comunidade cristã do século XXI é diferente do da primeira comunidade. Isso coloca, então, o desafio de compreender, viver e comunicar a experiência cristã, a experiência da Ressurreição nas categorias modernas. O trabalho teológico de Queiruga é movido por esse desafio. Ciente da centralidade da Ressurreição, ele se pergunta como hoje se explicita e comunica este mistério cristão. Está convencido da necessidade de situar a reflexão teológica no seio de um novo paradigma, gerado pela Modernidade e que seja possível viver a fé na ressurreição de um novo horizonte de interpretação. Por isso é indispensável ter em conta a mudança radical que o paradigma moderno impõe na maneira de compreender as relações de Deus com o mundo.

Queiruga mostra as mudanças que traz o paradigma da modernidade:

O advento da ciência e a emancipação da razão filosófica tornaram-se patentes à consciência, e consolidaram, de maneira irreversível para a vida, o fato da autonomia das realidades criadas. A natureza, a sociedade, a psicologia, a própria moral... obedecem a leis próprias e específicas que funcionam por si mesmas, com racionalidade própria, no jogo da legalidade intramundana (QUEIRUGA, 2003, p. 13).

A modernidade introduz uma nova visão de mundo, um novo paradigma de pensamento, que desafia o pensar teológico e o leva a uma reflexão crítica e mais profunda do significado das verdades reveladas. Como se entende a ação de Deus no mundo, na história? Como se explicita o mistério da Ressurreição no paradigma da modernidade?

Para Queiruga (2004, p. 17), a fé, para ser viva, necessita de uma contínua atualização, pois somente assim deixa de ser teoria abstrata para se converter em experiência efetiva. Faz-se necessário reelaborar a compreensão do conceito atual de Ressurreição, isto é, de construir teologicamente um conceito novo que responda aos parâmetros da cultura contemporânea.

Para isso, é necessário, em primeiro lugar, viver essa experiência de encontro com o Ressuscitado. Precisamos nos encontrar com ele, refazer a experiência dos primeiros cristãos e cristãs. Isso é possível porque, quando afirmamos que Cristo ressuscitou, estamos falando de Alguém vivo, presente, real, atuante em nossa história e vida, portanto acessível à nossa experiência.

O testemunho dos apóstolos nos é necessário, mas não simplesmente de acordo com o “modelo profano”, que remeteria ao que eles viram e acreditaram. Ajudados por esse testemunho, nós mesmos experimentamos no Espírito a ressurreição de Jesus, porque tanto ele como sua causa se nos são apresentados como realidades vivas e vitoriosas (RAHNER *apud* QUEIRUGA 1999, p. 47-156).

Dessa maneira, se mantém viva a experiência cristã na mudança da história. O segundo passo é o esforço por entendê-la e expressá-la em categorias inteligíveis e “realizáveis” para a cultura de cada tempo. É a fé que busca a inteligência.

Para levar adiante esta tarefa de construir teologicamente um conceito novo da experiência da Ressurreição que responda aos parâmetros da modernidade, Queiruga (1999, p. 159) tomou como princípio ordenador as

três perguntas fundamentais de Kant, que refletem o positivo da inquietação moderna: O que posso saber? O que devo fazer? O que me é dado esperar?

Esta reflexão teológica levará em conta três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, a nova situação da cristologia. Uma cristologia concreta e realista, que buscará a divindade na humanidade de Jesus de Nazaré. Aqui, o aporte da Teologia da Libertação é muito importante. O segundo aspecto é a nova consciência de criação, que se afasta da visão intervencionista de Deus, que não tem em conta as leis naturais. O último aspecto funda suas raízes no novo conceito de revelação, muito querido por Queiruga (2004, p. 36): “Uma revelação de caráter maiêutico e não-autoritário, isto é, que não se aceita por um mero testemunho externo, mas que ajuda a ‘dar à luz’ o mistério que nos habita a todos”.

3.2 O que podemos saber da Ressurreição?

A resposta cristã confronta essas perguntas kantianas, que surgem como questionamento da cultura anterior em seu conjunto, com a negação ativa dos três mestres da suspeita: Freud, Marx e Nietzsche:

Com respeito à ressurreição, a correspondência mostra-se verdadeiramente esclarecedora. Freud, com sua

suspeita psicológica, remeteria à primeira pergunta: “que posso saber?”. Marx, com sua suspeita sociológica, remeteria à segunda: “que devo fazer?”. Nietzsche, com a sua suspeita do ressentimento, à terceira: “que me é dado esperar?” (QUEIRUGA, 2004, p. 37).

A pergunta “o que podemos saber da Ressurreição?” reflete a dificuldade do problema da Ressurreição, por isso é na sua resposta que se vislumbra a mudança de paradigma, uma nova compreensão. E, sem dúvida, ela influencia nas outras duas respostas.

Para responder a esta pergunta, buscamos primeiro as raízes da fé na Ressurreição no Primeiro Testamento. Depois, tentamos apresentar a experiência de Ressurreição no Segundo Testamento, à luz da mudança de paradigma na concepção da ação de Deus e no conceito de revelação.

3.2.1 A Ressurreição no Primeiro Testamento

Para responder à pergunta sobre o que podemos saber da Ressurreição, temos de considerar, em primeiro lugar, qual era o significado da Ressurreição para a comunidade primitiva. Para isso, é fundamental ter em conta que os escritores neotestamentários se valeram dos recursos religiosos, literários, culturais de sua época para

escrever os textos sagrados. “O contexto é decisivo, se me for permitido parafrasear Paul Ricoeur, pois dele depende, numa medida decisiva, não apenas o ‘que se acredita’ disponível, como também o ‘que se pensa’ e o ‘que se expressa’ como tal” (QUEIRUGA, 2004, p. 68).

O simbolismo “surgir da morte” é comum a numerosas religiões. Existem relatos, provenientes da cultura helênica, por exemplo, do século V a.C. de mortos que voltam à vida e aparecem as pessoas. A mentalidade judaica tem marcas da cultura helênica, que influencia no pensamento religioso, se bem que ele é muito menos fantasioso e mitológico, dado a força da característica histórica do povo de Israel. Segundo Dufour (1973, p. 55), “Por trás da linguagem judia, existe uma simbologia humana comum a todas as civilizações... Renunciar à linguagem da Ressurreição seria abandonar o patrimônio simbólico herdado da humanidade inteira”.

A comunidade primitiva recebe esta “misturada” tradição religiosa, mas é claro que os relatos neotestamentários refletem por trás a teologia judaica. Daí, a importância de compreender mais o sentido da Ressurreição no Primeiro Testamento.

Uma primeira constatação é que o Deus do Primeiro Testamento é um Deus da vida e dos vivos. Existem diferentes textos que nos revelam esta visão de Deus.

No livro do Deuteronômio, por exemplo, Ele se apresenta como “o senhor da vida e da morte” (Dt 32,39). Tanto em Isaías como em Oséias, Iahweh é capaz de “aniquilar a morte” e “libertar do sheol” (lugar onde iam os mortos) (Is 25,8 e Os 13,14).

Os salmos (Sl 73,23; 16,5.9-11) e a pregação dos profetas (Is 26,19; Os 6,1-3) nos revelam um Deus que é fiel à aliança que fez com seu povo, e essa fidelidade é salvadora.

No segundo livro dos Macabeus, em que se narra o martírio dos sete irmãos e sua mãe, expressa-se, em mais de uma oportunidade, a esperança deles na Ressurreição, como continuidade da ação criadora de Deus: “É o Criador do mundo que formou o homem em seu nascimento e deu origem a todas as coisas, quem vos retribuirá, na sua misericórdia, o espírito e a vida, uma vez que agora fazeis pouco caso de vós mesmos, por amor às suas leis” (2 Mac 7, 23).

Mas o texto mais claro sobre a Ressurreição no Primeiro Testamento encontramos no livro do profeta Daniel: “A multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a eterna rejeição” (12,2).

Existia entre os judeus a disputa entre dois grupos religiosos: os saduceus e os fariseus. Os primeiros negavam a Ressurreição dos mortos e a existência de anjos e

espíritos, enquanto os fariseus criam na existência da anjos, na Ressurreição dos mortos e no juízo (At 23, 6-8). Mas, depois da queda de Jerusalém, nos anos 70 d.C, se expande a confissão farisaica da ressurreição dos mortos, que passa a ser parte da oração diária de todo israelita, incluindo mulheres, crianças e escravos. Segundo Queiruga essa oração, “Constitui a segunda das Dezoito Bênçãos: ‘*Bendito és, Senhor, porque fazes viver aos mortos*’. A mesma deve de ser recitada três vezes ao dia pela manhã, na primeira hora da tarde e ao pôr do sol” (QUEIRUGA, 2004, p. 58).

Com esses textos, podemos nos aproximar de um núcleo essencial do mistério da Ressurreição, a gratuidade divina. A Ressurreição bíblica é dom de Deus, por amor incondicional a suas criaturas.

Outra característica da ideia bíblica de Ressurreição está na concepção unitária de pessoa que tem o pensamento judaico, mas não podemos esquecer que a antropologia do mundo grego é em geral dualista. Segundo Dufour (1973, p. 60), “Para o grego, o homem está composto de alma e corpo; a alma é imortal, o corpo material posto provisionalmente à sua disposição e que tem a alma encerrada, na morte a alma se liberta do corpo prisão”. Com essa visão de fundo, a Ressurreição se entende como reanimação do corpo, que, segundo o cristianis-

mo helenizado, se trataria da reanimação do próprio corpo feito cadáver.

Do ponto de vista semítico, era impensável conceber esta antropologia. Embora o pensamento semítico chegue a utilizar os conceitos de alma e corpo, esses não se encontram em oposição. A morte entende-se como o fato de ir se reunir com seus pais, no *sheol*. E a Ressurreição, como o diz um dos irmãos macabeus, consiste no acesso do defunto à vida plena, segundo um novo modo de existência e expressão (2 Mac 7,9).

Para a concepção bíblica, quem ressuscita não perde sua identidade pessoal, não se dilui na presença de Deus, antes alcança a plenitude de sua existência pessoal. Queiruga ilustra esta visão semítica da seguinte forma: “Não somente o caráter unitário da antropologia bíblica, mas também o caráter estritamente pessoal da relação com Deus fazem com que o pensamento bíblico pense sempre na pessoa inteira quando fala de ressurreição” (2004, p. 124).

Por tudo isso, podemos afirmar que a primeira comunidade cristã bebe desta fonte da tradição judaica sobre Ressurreição com suas diferentes influências culturais da época. Mais ainda, os ensinamentos e atitudes de Jesus que nos comunicam os evangelhos revelam sua fé numa existência real depois da morte, tal é o caso de (Mt

8,11, Mt 25,31-46, Lc 13,28, Lc 13,28). Queiruga (2004, p. 61) considera que, embora nem sempre seja possível estarmos seguros de que essas afirmações correspondam literalmente ao Jesus histórico, não resta dúvida de que delimitam um pano de fundo genuíno, que remonta a ele e vem a ser central em sua mensagem.

3.2.2 *A mudança de paradigma na compreensão das narrativas pascais*

A busca de uma nova compreensão da Ressurreição para os dias de hoje requer “proceder de tal modo que se preserve o valor salvífico na vida religiosa da comunidade que a proclama” (QUEIRUGA, 2004, p. 78). Tendo isso como pressuposto, é preciso que, na hora de ler os textos sagrados, nos façamos a pergunta sobre o sentido de uma afirmação antes que por sua verdade. Isso marca o cuidado que temos que ter na hora de estudar as narrativas pascais. É necessário buscar o sentido de afirmações e ver o ressuscitado, tocá-lo, comer com ele?

Pois bem quando, por exemplo, se fala de ver o Ressuscitado, impõe-se ter em conta que, antes da questão de sua verdade, deve ser feita a pergunta pelo seu significado: tem sentido afirmar que alguém vê uma pessoa que

está definitiva e radicalmente fora das condições espaço-temporais? (QUEIRUGA, 2004, p. 87).

Ao acreditar que a Ressurreição é superação da morte, confessamos que a presença de Cristo não sofre mais de limitações temporais ou espaciais. Sua presença não é física, mas espiritual, através de seu Espírito. Então como é possível vê-lo? Como podemos falar de aparições sensíveis?

As narrativas pascais comunicam uma experiência real, o processo de reconhecimento da presença do Ressuscitado no meio da comunidade, mas isso não quer dizer que Jesus apareceu da forma como é relatado no Novo Testamento, entram ali os gêneros literários da época. Segundo Queiruga (2004, p. 92), as narrativas pascais transmitem fatos reais, como vivências de uma realidade objetiva que os protagonistas interpretam como estar vendo o ressuscitado.

É necessário, para continuar avançando com coerência teológica, adentrar-nos numa nova compreensão da ação de Deus e da revelação, à qual se chega, não em oposição ao pensamento moderno, mas em diálogo crítico e respeitoso. A seguir, desenvolvemos estes novos paradigmas que estão intimamente relacionados e as suas consequências na compreensão da Ressurreição.

3.2.2.1 Novo paradigma da ação de Deus

Não é mais aceitável conceber a ação de Deus que não respeita as leis naturais ou físicas. Já o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual reconhece a legítima autonomia das realidades temporais:

No entanto, muitos dos nossos contemporâneos parecem temer que a íntima ligação entre a atividade humana e a religião constitua um obstáculo para a autonomia dos homens, das sociedades ou das ciências. Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente de acordo com a vontade do Criador. Pois, em virtude do próprio fato da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias, que o homem deve respeitar, reconhecendo os métodos peculiares de cada ciência e arte (GS n° 36).

Seguindo esta orientação conciliar, Queiruga é muito claro ao afirmar que é preciso rechaçar com energia toda a visão intervencionista de um Deus que trabalha na base de ingerência pontual ações categoriais, intervindo na casualidade intramundana (2004, p. 93). Por

isso, entender o verdadeiro sentido da ação de Deus é fundamental para a compreensão da Ressurreição, porque ela é, antes de tudo, e sobretudo, uma ação de Deus que liberta Jesus da morte.

João, em seu evangelho, nos diz: “O meu Pai até agora está trabalhando, e eu também estou trabalhando” (Jo 5,16). Acreditamos, então, que Deus age em nosso mundo por amor, Ele está presente em nosso mundo, seu trabalho “permanente” é nossa obra de salvação. A questão está em como entendemos essa ação. Durante muitos anos, o cristianismo proclamou um Deus onipotente, capaz de tudo, desde mudar o clima até ter intervenções pontuais em favor de uma ou outra pessoa. Essa visão de Deus faz dele um ser arbitrário e provoca verdadeiras reações porque intervém em determinados momentos, e em outros não, porque cura só a algumas pessoas? Para Queiruga (1998, p.18), não seria humanamente digno nem intelectualmente possível crer em um Deus que, podendo, não impede que milhões de crianças morram de fome ou que a humanidade continue flagelada pela guerra e pelo câncer.

Deus que cria por amor e quer só o bem para todas as suas criaturas não as abandona, está com elas, atuante na sua história, sofrendo com elas e trabalhando para vencer o mal e estabelecer o Reino. Não é um Deus passivo

que age quando quer, ou quando lhe agrada a súplica de alguns, fazendo assim milagres ocasionais. Nessa visão, pareceria que o ser humano tem de “acordar” Deus, comovê-lo com suas súplicas para que ele atue.

A visão de Deus que Queiruga propõe é a de um Deus criador, que nos está criando e sustentando por amor,

A ideia da criação significa a fé em um Deus maximamente ativo. Deus do universo e da história, que por sua parte, está fazendo tudo quanto é possível: “poeta do mundo”, tenciona levá-lo à máxima realização permitida pelos limites e incompatibilidade inerentes à sua finitude; “grande companheiro”, apoia e promove a liberdade, para que enfrente sua tarefa na luta contra o mal e na realização positiva do bem” (QUEIRUGA, 2004, p. 98).

Isso também muda a visão de ser humano, que, como sujeito da história, é convidado a colaborar com o trabalho de Deus, colocar suas forças ao serviço do Reino que já está acontecendo. Deus o sustenta com seu Espírito de Amor.

Quais são, então, as consequências desta mudança de paradigma da ação divina para a compreensão da Ressurreição?

Deus presente na vida de Jesus vive, sofre e o acompanha na sua paixão e morte. Mas não o abandona

ali, por amor ressuscita-o, liberta-o da morte e dá-lhe nova vida. Na morte de Jesus, Deus está presente, dando início a uma nova criação em seu Filho ressuscitado. Queiruga considera que a Ressurreição é um ato transcendente de Deus, que sustenta de maneira criadora a pessoa de Jesus, impedindo que seja aniquilada pela morte: “A ressurreição apesar da ‘horrível evidência do cadáver’ e a inegável destruição parcial que isso significa, afirma o contrário, que essa quebra visível não significa desaparecimento da pessoa como tal, mas sua definitiva e suprema afirmação” (Queiruga, 2004, p. 100).

Compreendendo que o Deus de Jesus é um Deus de vida e ativo, a Ressurreição se entende como esse ato criador e salvador de Deus, que não deixa na morte o justo que viveu seguindo sua causa.

3.2.2.2 Novo paradigma da revelação

Esta mudança de paradigma da ação de Deus está intimamente relacionada com a mudança na compreensão da revelação. Na visão de um Deus intervencionista, a revelação consistiria então numa ação de Deus extraordinária em algumas pessoas a quem Ele quase que ditaria as verdades não alcançáveis pela razão humana. Essa concepção de revelação como “ditado” parece “cair” do alto, alheia à realidade do ser humano, rompendo sua

imanência e ameaçando o princípio, tão querido pela modernidade, de sua autonomia.

Por isso, os novos estudos bíblicos exigem por fim a esta concepção de revelação e desbruchar-se na elaboração de um novo paradigma de revelação. Para Queiruga, uma bíblia “ditada” por Deus não copiaria textos de outras religiões, como aparece nas narrativas da criação, em muitos salmos... Nem levaria as marcas do trabalho humano... (2004, p. 103).

Partimos da fé de que Deus se revela, melhor ainda, está continuamente revelando-se, comunicando-se. Deus Uno e Trino é a origem e fonte da revelação, Ele tem sempre a iniciativa de se dar a conhecer, não desde fora da criação ou da história, senão desde dentro delas, onde Ele está ativamente presente. Queiruga (2004, p. 104) o expressa magnificamente:

A revelação é real, não porque Deus tenha de “entrar no mundo”, irrompendo em seus mecanismos, físicos ou psicológicos, para fazer sentir uma voz milagrosa; é real porque ele já está “falando” desde sempre no gesto ativo e infinitamente expressivo de sua presença criadora e salvadora. O próprio fato da criação já é sua revelação fundamental; e a própria criação em seu modo de ser, em seus dinamismos e em suas metas e aspirações, vai desvelando no tempo e na história tanto o projeto de

Deus sobre ela como o que, em cada momento, está procurando realizar.

Dessa maneira, a revelação de Deus é para todos/as, não só para alguns escolhidos. Só é necessário pelos olhos da fé perceber sua Presença na criação, e, sobretudo, no ser humano, acolhendo assim sua Palavra nos fatos cotidianos. Deus está sempre se comunicando de diversas maneiras. É necessário “entrar em sintonia” com Ele, e isso se faz voltando o olhar para dentro das situações humanas, buscando ali escutar a voz de Deus. E, quando isso acontece, a pessoa já não é mais a mesma. Ao descobrir o que Deus está falando, esse ser humano se transforma. Queiruga cita o exemplo de Moises quando está no Egito. Ele considera que a revelação se produziu quando Moises “se apercebeu” de que na rebeldia que sentia contra a opressão injusta do faraó estava se manifestando a “voz” de Deus, presente nessa realidade (2004, p. 106).

O autor parte da concepção de que toda a realidade é campo de revelação, de manifestação de Deus. Ela é o lugar da “pressão” reveladora de Deus sobre o espírito do ser humano.

De modo que, mesmo dentro da radical e constitutiva obscuridade, há uma “evidência” da revelação em todo

o real. À medida que algo é, está sendo manifestação de Deus: assim como nos traços físicos de um rosto lemos diretamente a presença do espírito que o anima, também nossos “sentidos” estão lendo nas realidades criadas a presença fundante do Criador, de Deus (QUEIRUGA, 1995, p. 411).

Buscando explicitar o novo paradigma da revelação, Queiruga, em sintonia com outros teólogos, qualifica a nova estrutura revelatória de “maiêutica histórica”. Com a palavra *maiêutica*, parteira, quer descrever como a palavra reveladora é necessária para despertar, abrir os olhos, ajudar a descobrir, a “dar à luz” na realidade à presença ativa de Deus. E o adjetivo *histórica*, para sinalizar que a presença de Deus impulsiona a história e abre sempre um caminho de esperança. O autor a define da seguinte maneira: “A maiêutica histórica representa o anúncio de que o homem se encontra sendo em concreto pela livre iniciativa divina, num processo sempre aberto à novidade de uma história que se abre sem limites” (QUEIRUGA, 1995, p. 411).

Conceber a revelação como maiêutica histórica leva-a a ser verificável pelo ouvinte, isto é, a pessoa não acolhe a revelação como algo externo, senão quando ela se reconhece naquilo que lhe é apresentado, e então está em condições de ela própria “dar à luz”. Um exemplo

está na resposta dos samaritanos à sua conterrânea: “Não é por causa dos teus dizeres que nós cremos; nós mesmos o ouvimos e sabemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4, 42).

Desse modo, a leitura da Bíblia já não tem mais de se resignar a ser aceitação passiva, literalista e extrínseca daquilo que nela está escrito, mas se converte em chamado a se reconhecer na verdade profunda que nela se revela e portanto, também a se deixar transformar por seu chamado (QUEIRUGA, 2004, p. 108).

Que consequências traz este novo paradigma de revelação à compreensão de Ressurreição?

Tendo em conta o apresentado até agora, o anúncio da Ressurreição não pode ser um ditado milagroso, alheio à realidade humana, e que não seja possível a sua verificação, ou seja, positivamente, a Ressurreição tem que se dar à luz na realidade e história humana. Por isso, é preciso descobrir a revelação da Ressurreição na humanidade de Jesus de Nazaré e no seu contexto cultural e religioso.

Sem dúvida, os primeiros discípulos e discípulas de Jesus conseguiram, por graça de Deus, descobrir e aperceber em sua vida, em sua história a presença real e viva de Jesus depois de sua morte. Isso não quer dizer que precisamos acreditar no fato de que eles/as encontra-

ram o sepulcro vazio ou que viram com seus próprios olhos o Ressuscitado, ou que comeram com ele. Esse foi o modo, a forma para expressar sua experiência.

Por isso, seguindo as indicações da Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, para compreender a Sagrada Escritura, deve-se investigar com atenção o que pretenderam expressar os hagiógrafos e o que Deus quis manifestar com as palavras deles.

Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, os “gêneros literários”. Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outros. Importa, além disso, que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo, em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de fato exprimiu, servindo os gêneros literários então usados. Com efeito, para entender retamente o que autor sagrado quis afirmar, deve atender-se convenientemente, quer aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, quer àqueles que costumavam empregar-se frequentemente nas relações entre os homens de então (DV 12b).

A leitura crítica da Bíblia, usando aqui o termo de R. Bultmann levou, a uma “desmitologização” do texto sagrado, para poder aceder a sua essência. Queiruga

(2004, p. 109) considera que este tipo de leitura da Bíblia já demonstrou que a realidade da presença divina na história da salvação, na história da humanidade, bem como a sua revelação para nós, não depende das letras das narrativas em que nos é manifestada. Mas é fundamental que este tipo de leitura também leve a recuperar a experiência de fé que os textos, em seu estilo próprio, tentam transmitir, para assim conservar o verdadeiro significado e o mesmo se torne acessível na situação atual.

3.2.3 *Experiência de Ressurreição*

Neste item, buscamos esclarecer o conceito de experiência de Ressurreição e quais são as características ou as notas da novidade da Ressurreição para Queiruga.

3.2.3.1 Dificuldades no conceito de experiência de Ressurreição

Para poder chegar a uma nova compreensão da experiência da Ressurreição, “significativa, vivenciável e fecunda” para nossa cultura atual, tendo como base as narrativas pascais dos primeiros discípulos, precisamos antes esclarecer o conceito de experiência da Ressurreição.

Sobre o conceito de experiência em si, o autor (2004, p. 133) não se detém, só diz considerá-la como o

“encontro consciente com o real que se impõe por si mesmo”. O verdadeiro problema, para ele, está em determinar de maneira precisa em que consiste a novidade da experiência da Ressurreição. Falamos de novidade, porque obviamente a Ressurreição de Jesus é uma situação nova no processo da consciência religiosa.

A característica “da Ressurreição” marca seu caráter transcendente, porque a novidade não pode ser buscada diretamente em acontecimentos empíricos. Para aceder hoje à experiência da Ressurreição temos que superar algumas dificuldades.

a) A primeira é a dificuldade em superar a linguagem utilizada pelas primeiras comunidades cristãs, que expressem esta experiência com conceitos e expressões de uma cultura em que falar de milagres, aparições, intervenções sobrenaturais pontuais era comum e totalmente aceitável. Embora hoje já não tenha sentido falar que o Ressuscitado “subiu aos céus”, “se deixou tocar” ou “comeu com seus discípulos”, na comunicação desta experiência continuamos fazendo uso da linguagem dos primeiros anos do cristianismo.

b) Outra dificuldade que encontramos na atualidade é a influência do positivismo e cientificismo que não consideram experiência aquela que não é física. Então, se temos em conta o caráter transcendente da Ressurrei-

ção, que faz a experiência ser não-empírica, cabe a pergunta: Existe Ressurreição?

Segundo Queiruga (2004, p. 134):

A nova cosmovisão, na qual já não cabe mais um intencionismo divino, está culturalmente assimilada por todos (mesmo se nem sempre aparecem de imediato suas consequências), a persistência em manter esses esquemas está tornando impossível a fé na ressurreição. Hegel já advertia com energia, bem nos primórdios da mudança cultural: uma fé que pretenda se opor à nova visão do mundo está cantando a sua derrota.

c) Finalmente, o autor sinaliza como outro inconveniente considerar experiência aquela que é feita sobre algum dado ou fenômeno concreto, isolado. Para superá-lo, Queiruga (2004, p. 135) recorre ao conceito de Aristóteles de experiência no singular, “como resultado integrador de diferentes experiências, como resultado de toda a vida”. A experiência da Ressurreição é uma experiência global desse tipo.

No caso dos primeiros discípulos, trata-se da experiência feita no seio de toda uma situação concreta na qual se encontram. Situação essa que é fruto complexo de sua tradição religiosa, de sua intensa convivência com Jesus, do tremendo impacto de sua morte e das experiências peculiares que vieram depois dela. Tudo isso os levou a uma nova configuração de sua realidade vital,

que agora era compreensível para eles somente se contemplassem também nela o dado *novo* da ressurreição de Jesus (QUEIRUGA, 2004, p. 135).

Para entender a novidade desta experiência, devemos levar em conta a presença ativa de Deus neste processo, o qual não se manifesta pontualmente, mas está presente, suscitando e alentando este caminho de Ressurreição. Conforme Queiruga (2004, p. 135), Deus se manifesta não através de intervencionismos físicos, mas da capacidade significativa que adquirem certas situações ou vivências mundanas ou históricas: no esplendor do céu, o salmista descobre a glória do Criador, no sentimento de rebelião contra a opressão faraônica, Moisés descobre que Deus se compadece...

Aqui está em jogo a concepção de revelação como *maieuética histórica*, que já explicamos anteriormente. Mas é importante tê-la presente, para compreender que é Deus, permanentemente criador, quem está manifestando-se no mesmo modo de ser da realidade, que é fruto de sua ação criadora. Por isso, seguindo as palavras do autor (2004, p. 136), podemos afirmar que toda experiência religiosa é sempre vivida como suscitada por Deus e, por isso, toda religião é vivida como revelada.

O que permitiu aos discípulos e discipulas perceber a novidade da Ressurreição foi suas fortes raízes na

tradição religiosa judaica e os anos de convivência com Jesus até o impacto de sua morte. Mas eles são conscientes de que, se percebem Jesus vivo, é porque ele mesmo está se dando a conhecer. Por isso, nas diferentes narrativas pascais, é o Ressuscitado que aparece. Deus toma a iniciativa de se dar a conhecer e é também ação divina que possam reconhecê-lo; os evangelistas ilustram esta ação, esta nova capacidade significativa que os discípulos dão aos acontecimentos, com diferentes expressões: “seus olhos se abriram” (Lc 24, 31), “Jesus veio e pôs em meio deles” (Jo 20, 19), “abriu-lhes a inteligência para que entendessem as Escrituras” (Lc 24,46).

Tendo em conta os elementos anteriores, Queiruga descreve a experiência de Ressurreição dos/as discípulos/as da seguinte forma:

Na revelação pascal, tudo conflui: o contexto estava preparado, a situação era nova, impregnada e carregada de significados; os acontecimentos foram dramáticos... e a faísca saltou. Os discípulos compreenderam que Cristo havia ressuscitado e também compreenderam que, se o estavam compreendendo, era porque só podia ser ele, e Deus por seu intermédio, que ativamente estava se manifestando a eles e tentando dar-se a conhecer, por meio dos diferentes componentes, objetivos e subjetivos, que constituíam aquela peculiaríssima situação (QUEIRUGA, 2004, p. 153).

Tratou-se, sem dúvida, de um processo comunitário de Ressurreição, no qual os/as discípulos/as de Jesus descobrem que a novidade da Ressurreição de seu Mestre se realiza em continuidade com a própria tradição veterotestamentária, citando as palavras do autor (2004, p. 140), “a continuidade se concretizava e enriquecia com uma nova diferença. Tão contínua que muito rapidamente puderam se reconhecer nela, tão diferente que mudou a história”.

Diferentes textos de Ressurreição mostram essa continuidade com a fé veterotestamentária. Por exemplo: At 2, 13-16. O texto manifesta o intenso processo revelador que viveram os discípulos/as, os quais, bebendo de sua fé bíblica chegam a compreender e confessar que Jesus de Nazaré, assassinado injustamente por sua fidelidade ao projeto de Deus, não ficou na morte senão que nele se cumpriu a promessa de Deus para os justos, foi ressuscitado e continua vivo.

Entretanto, os textos revelam também uma diferença. O fato de Jesus estar vivo, ressuscitado não quer dizer que se afaste da realidade, antes está presente nela, mas de uma forma diferente. Por isso, “A ressurreição não significa que Jesus perca o contato com a história o se afaste da comunidade. Ao contrário, toda a ênfase está em que se torna presente de uma forma nova, reavivan-

do a fé, chamando para a missão e sustentando a esperança no futuro” (QUEIRUGA, 2004, p. 141).

2.3.3.2 As características da novidade da Ressurreição

O autor mostra a diferença da Ressurreição de Jesus por meio de duas notas: a intensificação e a suma individualização.

A intensificação faz referência à presença do Ressuscitado como Alguém vivo, atuante e presente na história. A Ressurreição de Jesus não se apresenta como um personagem do passado, nem uma simples promessa do futuro. Para Queiruga (2004, p. 141), as narrativas apresentam o Ressuscitado já na plena glória e senhorio, como aquele que dá o Espírito e como quem já recebeu a “toda autoridade no céu e na terra” (Mt 28,18).

Dessa maneira, a nota da intensificação quer mostrar o caráter escatológico do Ressuscitado. A primeira comunidade foi percebendo que nele se levam a término as promessas de Deus, pela Ressurreição de Jesus irrompe na história o definitivo, o reino esperado para o fim dos tempos. O Ressuscitado manifesta a resposta definitiva de Deus, não é a morte, mas a vida é a última palavra que Deus pronuncia sobre a realidade humana.

Segundo Dufour (1973, p. 63), ao anunciarem que Deus ressuscitou Jesus dos mortos, os cristãos/ãs

aplicam a um momento preciso do tempo uma categoria válida para os últimos dias; os cristãos/ãs passam do escatológico ao histórico: um fato anunciado para o final dos tempos teve lugar no curso do tempo.

O caráter escatológico da Ressurreição é fundamental para compreender a presença real, viva e atuante de Cristo Ressuscitado na história e descobrir nele que o amor de Deus é mais forte que a morte, por Ele, com Ele, tudo é possível para humanidade. No dizer de Queiruga (2004, p. 142):

Essa definitividade escatológica constitui, sem dúvida, o núcleo vivo que aparece marcando a diferença no modo de perceber e confessar a ressurreição. Porque foi ela que permitiu o “salto gigantesco” de já tornar historicamente presente e realizada em Jesus a esperança que a escatologia corrente de corte apocalíptico adiava até o final dos tempos.

Para Leonardo Boff (p. 61), a Ressurreição se define como escatologização da realidade humana. E logo afirma de uma forma poética: “Com a ressurreição entrou para a história da consciência humana aquilo que o mundo antigo não conhecia, o sorriso da esperança”.

A segunda nota que o autor sinaliza é a suma individualização. Como já foi mencionado, a concepção bí-

blica de Ressurreição tem um caráter pessoal. Em Jesus, porém, esta individualização alcança sua plenitude. A primeira comunidade tem a certeza de que quem ressuscitou é Jesus de Nazaré.

Mas, em se tratando de Jesus, já cabe tão somente, em todo caso falar de sua presença nos fiéis e na comunidade; não mais ele transformado em outros, mas, pelo contrário, os outros transformados nele, como seu “corpo”. Metáfora esta cujo caráter organicista não deve ocultar que a incorporação é fruto de um chamado pessoal e da correspondente resposta livre (QUEIRUGA, 2004, p. 142).

Isso é fundamental para compreender o que é para o autor ter fé na Ressurreição de Jesus de Nazaré. Como foi mencionando, não é a memória de um personagem do passado, nem proclamar “vaziamente” sua exaltação, isso não tem incidência na vida, na história das pessoas. Para Queiruga, ter fé no Ressuscitado (2004, p.143) é incluir-se em seu seguimento, porque se sente por ele convocado a seguir seus passos. Ter fé no Ressuscitado é “entrar no dinamismo vivo do Reino por ele inaugurado, seguindo seus passos em uma vida que, apesar de todas as cruzes, já goza de idêntica esperança de ressurreição”.

3.3 O que posso fazer?

A resposta a esta pergunta busca iluminar, desde estes novos paradigmas, a ação que desencadeia a experiência de Ressurreição na história humana.

De acordo com o teólogo espanhol (2004, p. 199), para significar algo para o homem e a mulher posteriores à Revolução Francesa, construtores conscientes da sociedade, a Ressurreição terá de validar-se também em seus efeitos sobre a ação humana.

Em primeiro lugar, procuramos explicitar como a experiência de Ressurreição leva a um compromisso com a construção do Reino, ou seja, ela direciona o fazer, a práxis do cristão/ã. A experiência do amor de Deus que vence a morte leva os/às discípulos/as do Ressuscitado a lutar pela construção de um mundo mais justo, mais solidário, mais humano e por isso mais divino.

3.3.1 Ressuscitados em Cristo

Este processo de compreensão da Ressurreição, que fazem os primeiros/as discípulos/as, não é teórico. É um novo modo de ser e de viver como ressuscitados/as.

São Paulo, em várias oportunidades, afirma nossa morte e Ressurreição em Cristo. Por exemplo:

Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos a vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos por causa de nossas faltas. Vocês foram salvos pela graça! Na pessoa de Jesus Cristo, Deus nos ressuscitou e nos fez sentar no céu. Assim, com sua bondade para conosco em Jesus Cristo, ele quis mostrar para os tempos futuros a incomparável riqueza da sua graça. (Ef 2, 4-7).

Adentramo-nos em Queiruga para saber como é possível para nós fazermos esta experiência, e o que ela implica.

Como aconteceu com Jesus, a ressurreição, na qualidade de vida resgatada e plenamente vivida, reflete sua luz sobre a existência em seu transcurso terreno, convertendo essa última, desde já, em vida eterna: vida revelada como sendo no presente mais forte que a morte, sustentada e acompanhada pelo amor criador de Deus, e por isso desde já, apesar de tudo, “bem-aventurada” (2004, p. 193).

Para Queiruga, como para outros autores seus contemporâneos, como Ranher e Schillebeeckx, existe uma íntima solidariedade entre a Ressurreição de Jesus e a nossa, não podemos separá-las. E isso o explicitam claramente as notas da Ressurreição de Jesus. “A diferença de Cristo deve ser buscada não em sua separação da hu-

manidade, mas sim na intensificação abissal de sua ‘continuidade’, graças ao peculiar e único enraizamento de seu ser em deus (a sua divindade)” (QUEIRUGA, 2004, p. 208).

Na primeira nota, a intensificação de sua presença escatológica, revela que, sendo plenamente em Deus, o Ressuscitado está presente na história humana, e, na segunda nota em sua plena individualização, o Ressuscitado mostra ao ser humano o fim já alcançado da humanidade. Queiruga, segundo a expressão do Concílio: “Cristo manifesta aos seres humanos o que é ser humano” (GS n° 22), explica como a Ressurreição é a revelação da vocação última da humanidade.

Então a ressurreição de Cristo passa a ser compreendida como a realização plena, exemplar e prototípica da nossa, porque então o que aconteceu nele revela em plenitude o que acontece conosco, e o que descobrimos em nós ajuda-nos a compreender e “verificar” o que de modo insuperável e definitivo foi-nos manifestado nele (QUEIRUGA, 2004, p. 208).

Anteriormente (cf. 2.2.1), refletimos como a tradição do Primeiro Testamento foi a fonte reveladora para que a primeira comunidade percorresse o caminho de compreensão e logo de formulação da Ressurreição de Jesus. Nesse caminho, encontramos-nos, os cristãos/ãs de

hoje, formamos parte da mesma história da salvação. Também nós somos alcançados por Cristo Ressuscitado, que nos situa na corrida atrás dele, em prol de sua causa até chegar à meta (cfr. Flp 3, 12). Então, a mesma experiência de Ressurreição que o Espírito Santo propiciou à primeira comunidade continua sendo por Ele propiciada a toda comunidade cristã ao longo da história. Lembremos, Deus trabalha sempre e seu Filho também.

Queiruga cita dois teólogos modernos para fundamentar a igualdade da experiência dos primeiros/as discípulos/as com a nossa. Em primeiro lugar, Karl Ranher que, em sua teologia, propõe ver a cristologia como realização plena da antropologia. Para ele, “a encarnação de Deus é o único caso supremo de atualização essencial da realidade humana” (RANHER, apud QUEIRUGA, 2004, p. 208). De acordo com esse princípio, na Ressurreição de Jesus encontra-se fundada a nossa, como na descoberta da nossa se abre o horizonte em que para nós se realiza a compreensão da sua. Dessa maneira, Queiruga (2004, p. 208) considera que “somente se o acesso à fé na Ressurreição de Jesus tiver a mesma estrutura fundamental para nós e para os apóstolos, podemos chegar também à profissão da mesma fé”.

O segundo teólogo que ele cita é Edward Schillebeeckx (QUEIRUGA, 2004, p. 208), para quem toda a

verdadeira cristologia consiste em repetir o *itinerarium mentis* dos primeiros/as discípulos/as, ou seja, percorrer passo a passo o caminho que os levou a perceber, compreender e formular o mistério de Cristo. Para Schillebeekx (QUEIRUGA, 2004, p. 209), “não há uma grande diferença entre o modo como podemos chegar depois da morte de Jesus à fé no Crucificado ressuscitado e o modo como chegaram à mesma fé os discípulos de Jesus!”.

O primeiro alicerce para que hoje seja possível perceber e vivenciar a Ressurreição na nossa realidade é a fé num Deus que ressuscita, porque é desde sempre um Deus de vida e não de morte; um Deus que manifestou plenamente a força de seu amor na morte e na Ressurreição de Jesus, sua Presença viva e doadora de vida contínua na história até o fim dos tempos.

Para Queiruga (2004, p. 213), a presença e ação do Ressuscitado é a mesma ontem, hoje e sempre:

E o mesmo Ressuscitado, que, de Deus, conseguiu fazer a sua presença ser sentida na primeira comunidade, continua fazendo isso na nossa: idêntico é o seu Espírito em nós; idêntico é a sua presença ali: “onde dois ou mais se reúnem em seu nome”; idêntica, no pobre para que se dá o pão; idêntica, quando se lhe descobre na oração, na meditação da Escritura ou na celebração da eucaristia.

O segundo alicerce é a experiência da primeira comunidade que nos relatam os evangelhos. Esse testemunho vivo se estende até os dias de hoje, abrindo, pelo Espírito em nossos corações, a possibilidade de viver a mesma experiência do Ressuscitado. As narrativas pascais não são relato de um acontecimento passado, para que guardemos lembrança do sucedido. Não, elas são mediadoras “vivas” dessa experiência de Deus para nós. Queiruga (2004, p. 213) explica esta mediação com a categoria de “maiêutica histórica”. Desta maneira, o testemunho dos apóstolos cumpre a função de *maieuta*, parteira; eles colaboram para que os cristãos/ãs de todos os tempos, ao acolher sua palavra, “deem à luz” a vida nova que habita neles, e eles nasçam para uma nova vida, a de ressuscitados/as.

É o que Jesus fala para Nicodemo naquela noite: “Em verdade vos digo: a menos que nasça de novo, ninguém pode ver o Reino de Deus” (Jo 3, 3). Isso é obra do Espírito de Deus, que age igual em todo/as os homens e mulheres de todos os tempos. Assim, já não existe diferença com os primeiros cristãos, somos todos/as parte do mesmo povo de ressuscitados/as, em todos/as habita a força do Espírito que nos conduz a ser também hoje mediadores de essa experiência para outros.

É importante ter em conta o que disse Queiruga (2004, p. 215) sobre a função da maiêutica histórica:

A palavra apostólica que ela anuncia não remete a si mesma, mas à nossa situação, permitindo-nos tomar consciência por meio de nós mesmos seu significado. Cristo está tão presente para nós quanto para os primeiros discípulos; e como para eles, na ressurreição do crucificado ilumina-se o significado pleno de nossa... e, uma vez cumprido o processo maiêutico, não existe diferença entre os discípulos de “primeira e segunda mão”: todos somos imediatos a Cristo, contemporâneos seus.

O apóstolo Paulo o expressa magnificamente na sua carta aos Efésios: “Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. Vocês pertencem ao edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção” (Ef 2, 19-21).

3.3.2 *Seguidores de Jesus, servidores do Reino*

A experiência da Ressurreição fez os primeiros/as cristãos/ãs abraçarem, encarnarem um novo estilo de vida, o que tinham aprendido com Jesus, o que tinham visto dele. Inicia-se assim a espiritualidade cristã que tem

como fonte a vida de Jesus de Nazaré, vivida e atualizada pelo Espírito naqueles/as que querem seguir seus passos. Como diz Gustavo Gutierrez (1984, p. 48), o discipulado arraiga-se na experiência de um encontro com Jesus Cristo. Encontro de amizade, cuja iniciativa pertence ao Senhor e constitui o ponto de partida de um caminhar. E logo ele continua: “A espiritualidade é um caminhar em liberdade segundo o Espírito de amor e de vida. Esse andar tem seu ponto de partida em um encontro com o Senhor. Dá-se ali uma experiência espiritual que faz brotar e dar sentido à liberdade já mencionada” (GUTIERREZ, 1984, p. 49).

Para Queiruga (2004, p. 221), é a vida concreta de Jesus, e não a sua Ressurreição, o que “enquanto vivemos no corpo”, constitui o modelo real para o seguimento. Este seguimento não é um “imitacionismo” externo do modo de viver de Jesus, mas um viver em comunhão com Ele, em relação vital com Ele, motor de todo seguimento. Isso foi possível para os primeiros/as discípulos/as e é para nós porque Cristo está vivo e podemos nos relacionar com Ele, relação direta, de intercâmbio pessoal, de conhecimento vivo, de amor, e de amizade. Mas essa relação não pode ser com uma figura histórica do passado, e, como já citamos anteriormente, o Ressuscitado não se apresenta visivelmente, então como nos relacionamos?

Uma vez mais, os textos evangélicos são nossa fonte de inspiração. Queiruga (2004, p. 244) descobre, nas narrativas das aparições, o roteiro para aceder a essa relação com o Ressuscitado. Hoje, sabemos que as narrações não podem ser tomadas ao pé da letra, pois são construções imaginativas com base nas recordações de Jesus a quem os discípulos haviam visto e ouvido. Todavia, contam uma relação real, pois verdadeiramente o Senhor, morto e desaparecido da visibilidade histórica, fez-se para eles presença viva e pessoal, reavivando a sua fé e transformando a sua vida. Desse modo, torna-se claro que a função da recordação imaginativa consiste em dar concretude à experiência atual, que, de outro modo, se tornaria indeterminada, diluída e psicologicamente ineficaz.

Nas narrativas pascais, vemos que os discípulos/as no início não o reconhecem. O Ressuscitado é diferente, ele é o Senhor da vida, mas, depois de descobrir sua presença, ele é apresentado com as mesmas características. O autor (2004, p. 245) expressa essa continuidade do Ressuscitado da seguinte forma: “continua sendo o que infunde paz e confiança, o amigo que anima e cuida com ternura, chamando pelo nome, Maria!”.

A Ressurreição marca uma continuidade e uma descontinuidade na identidade de Jesus. O Ressuscitado

é Jesus, o filho de José e Maria, mas, profundamente mudado, porque já alcançou sua plenitude, por isso é confessado como Kyrios, Senhor. “Como Cristo glorioso identificado com o Pai, o Nazareno tem agora um novo modo de existência; contudo sendo o mesmo: com idêntico amor e idêntica ternura com o mesmo cuidado e a mesma entrega” (QUEIRUGA, 2004, p. 244).

Nós, que não tivemos a convivência com Jesus de Nazaré, encontramos nos evangelhos o auxílio maiêutico para descobrir a presença real do Ressuscitado, e assim relacionar-nos com ele, com a atenção de que os evangelhos não suplantam a Cristo vivo, senão que nós, à luz da Ressurreição, encontramos neles o caminho para seguir os passos de Jesus, e fazer a mesma experiência de Ressurreição que eles fizeram! Nesse caminhar, não estamos sós, Cristo caminha conosco, é companheiro de caminho, e a relação com ele dá sentido à nossa vida e transforma-a em semelhante à sua. Nas palavras de Queiruga (2004, p. 226): “Ser como Cristo ressuscitado é a meta que esperamos, mas o caminho para chegar a ela é o que aparece traçado na vida concreta do Jesus terreno”.

Este seguimento de Jesus se realiza em um tempo concreto, que, como tal, está sujeito às mudanças culturais, históricas etc. Os/as discípulos/as de Jesus são chamados a viver na liberdade e criatividade do Espírito

Santo para viver o evangelho com os desafios e urgências de cada época. Isso faz o seguimento de Jesus ser dinâmico, inculturado e comprometer seus seguidores/as na mesma causa e paixão de Jesus, o Reino de Deus. A fé na Ressurreição leva os cristãos/as a assumir e até correr o risco de perder a própria vida, como muitos/as o têm feito ao longo da história. O projeto de Jesus é um projeto de vida, comunhão e amor, e, por isso, não se alia e, mas ainda, se opõe a todo projeto de morte, guerra, injustiça.

Viver ressuscitados é, também para Queiruga (2004, p. 233), um chamado à esperança, que se caracteriza por sua capacidade para preservar a dignidade das vítimas e por seu caráter realista. A esperança cristã brota da força da Ressurreição do crucificado, que revela que, mesmo conhecendo a morte, Deus tem a última palavra. Por isso, com Paulo podemos dizer, seja qual for nossa situação: “Ele é nossa esperança” (1Tm 1,1). Esta esperança dá sentido à vida do cristão, porque segundo Queiruga (2004, p. 233): “O destino de Jesus, iluminado pela ressurreição, impede reduzir a esperança à caricatura apologética de um ‘prêmio’ após o final da vida; antes, mostra que desde já a sua vida vale a pena, como valeu a de Jesus”.

A esperança lança o cristão/ã a engajar sua vida na luta diária pela transformação deste mundo segundo

os critérios do evangelho. Com uma “dupla sabedoria”: a consciência de que a transformação total só se dará no final dos tempos quanto tudo e todos sejamos em Deus, mas já é possível celebrar os pequenos ou grandes frutos de vida a que a humanidade vai dando à luz. Ao mesmo tempo, esta esperança gera dentro da pessoa de fé a força para não desistir diante das duras dificuldades e oposições, porque acredita no Deus da vida.

Para Queiruga, a fé na Ressurreição funda e promove o realismo de uma “esperança praxica”, que ele descreve da seguinte forma:

A esperança cristã, longe de cancelar a luta histórica, insufla no cristão o alento e a coragem definitivos, pois confere a cada vitória, por pequena que seja, uma importância infinita. Visto que as conquistas sobre o mal não acabam com a morte nem sequer um copo d’água ou uma palavra de carinho ficam sem repercussão literalmente eterna: como dizia Teilhard de Chardin, o crente é o único que pode “prolongar até o infinito” as perspectivas de seu esforço. O Vaticano II soube expressar bem isso: “...esperança escatológica não diminui em nada a importância das tarefas terrenas, ao contrário, confere-lhes um motivo e um sentido superiores” (2004, p. 235).

Enfim, quando o autor fala no destino último da humanidade ele não o separa do destino do cosmos. Ou

seja, a esperança que a Ressurreição oferece à humanidade é a esperança do cosmos também. A consciência histórica e ecológica que o pensamento moderno trouxe impede de separar a humanidade do mundo, do cosmos ou vice-versa, estão intimamente unidos. Assim, quando anunciamos na Ressurreição de Cristo, a nossa é também a do universo inteiro. Como afirma São Paulo na Carta aos Romanos:

Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós. A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu –, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm 8, 18-21).

Nas palavras de Queiruga:

Por isso, afirmar que a salvação do cosmos se realiza na salvação humana não constitui uma metáfora superficial nem uma depreciação dele, mas a sua mais profunda e autêntica realização. Não é depreciação, pois há uma forma mais íntima de respeito e de cuidado da natureza do que senti-la como se ela formasse parte de nossa constituição mais íntima, como o nosso próprio “corpo” (2004, p. 239).

A Ressurreição nos leva a compreender no mistério de Cristo a verdade do ser humano e do cosmos e seu fim. Podemos, então, entender mais a unidade entre cristologia-antropologia-escatologia.

3.4 O que me é dado esperar?

Embora a reflexão anterior sobre a categoria de esperança prática ilumine a resposta a esta terceira pergunta, damos continuidade à reflexão de Queiruga sobre a luz que a Ressurreição de Jesus traz sobre a morte.

A pergunta sobre a vida após a morte acompanha a humanidade desde sua origem, e a ela buscam responder as diferentes religiões ou movimentos religiosos ao longo da história. Hoje em dia, assistimos a uma efervescência de crenças reencarnacionistas, de busca de comunicação com os mortos. Muitos são os fatores que determinam este crescimento, um deles talvez seja a dificuldade que temos, os cristãos/as, de explicitar nossa fé na Ressurreição.

Para Queiruga (2004, p. 224), ao ser no mundo, o ser humano é criação de Deus, criatura. Então é finito e nele não pode não aparecer a necessidade e a contradição: o mal. Entretanto, para ele, o mal tem a sua condição de possibilidade na finitude. A morte é “marca” da fi-

nitidade por excelência. Mas a Ressurreição de Jesus de Nazaré, o crucificado por Poncio Pilatos, quebra os grilhões da morte e submerge a humanidade numa nova vida, convertendo-se em fonte de esperança infinita.

Ao falar de Jesus como o primogênito dos defuntos, Queiruga (2004, p. 241) busca explicitar a visão cristã da vida após a morte e qual deveria ser nossa relação com os mortos. Anteriormente, afirmamos a continuidade e a descontinuidade na identidade do Ressuscitado com Jesus de Nazaré. Em Cristo, Jesus de Nazaré alcança sua plenitude humana. O mesmo acontece com nossos mortos, não perdem sua identidade, continuam sendo eles e seu mundo de relações que os definem, mas de uma maneira plena, total que transcende as barreiras do tempo e espaço. Só desse maneira podemos entender as palavras do evangelista “Na ressurreição não haverá homens e mulheres casando-se, mas serão como anjos no céu” (Mt 22,30). Queiruga explica essas palavras de Mateus da seguinte forma:

Essas palavras não anunciam uma vida abstrata e despersonalizada, mas sim, apesar das aparências, exatamente o contrário: aludem à plenitude do novo modo de existência, com a superação das fronteiras materiais e a possibilidade de uma comunhão já totalmente compartilhável (2004, p. 247).

Mais adiante o autor (2004, p. 248) cita uma recordação pessoal, que ilumina o texto anterior:

Quando ficou viúva, minha mãe costumava perguntar-me com espontânea simplicidade: “Andrés, *ali* encontrarei seu pai? Porque então já não me importa morrer”. Com base na fé sempre lhe respondi que sim. Do contrário, como poderia haver salvação real e verdadeira? Justamente aí é que se enraíza, por exemplo, a diferença entre esperança cristã, apoiada na comunhão pessoal com Deus, e o nirvana budista, que consiste na dissolução da própria pessoa.

Mas a Ressurreição de Jesus ilumina também a relação dos vivos com os mortos. Ao afirmar que é possível para o cristão viver uma relação real com Cristo Ressuscitado, com quem podemos falar, que nos ama e a quem podemos amar sem ver nem tocar, podemos afirmar também que é possível estabelecer uma relação viva com nossos/as irmãos/as defuntos/as.

De acordo com Queiruga (2004, p. 248), com base em sua identificação com Deus, também os mortos estão presentes em nossas vidas, com o seu amor e a sua preocupação. Por isso, podemos sentir-nos acompanhados por sua presença e comunicar-nos com eles, com a peculiar, difícil, mas real linguagem orante.

Nós acreditamos na presença de Deus nas pessoas, e por isso afirmamos que elas nos revelam sempre algo do rosto de Deus. Acolhê-las, conhecê-las, amá-las é acolher, conhecer e amar o Deus verdadeiro. Pois bem, em nossos irmãos e irmãs mortos, a presença de Deus é mais plena e total, então quanto mais eles, “na idealização natural que fazemos dos mortos, esqueceram seus defeitos e passaram para o primeiro plano suas virtudes” (QUEIRUGA, 2004, p. 250), nos ajudarão a compreender mais o mistério infinito de Deus. Essas considerações levam o autor a repensar nossa liturgia funerária, vivida, a maioria das vezes esvaziada de seu sentido original e, por isso, sem incidência real nesse momento de dor.

Seguindo sua intuição de considerar Jesus como modelo dos que já morreram, o primogênito dos defuntos faz a seguinte reflexão sobre a Eucaristia: “ela é antes e sobretudo, a celebração litúrgica da morte e ressurreição ‘de nosso irmão defunto Jesus de Nazaré’” (QUEIRUGA, 2004, p. 250). A Eucaristia é a celebração da morte e Ressurreição de Jesus. Embora, durante muitos anos, a Igreja tenha dado muita ênfase no sentido do sacrifício e da morte de Jesus no mistério eucarístico, o mesmo não se entende sem a Ressurreição.

Magnificamente o expressa Giraudo, usando uma linguagem metafórica:

Celebrando a Eucaristia, recebendo a comunhão, todo domingo ou todo dia vamos ao Calvário e ao sepulcro vazio: não vamos fisicamente, mas no memorial, mediante a retomada ritual do signo profético do pão e do cálice, por meio de uma ação figurativa e, portanto sacramental e, por isso, absolutamente real (GIRAUDO, 2003, p. 82).

São dois movimentos inseparáveis do mesmo mistério pascal celebrado na liturgia eucarística. Assim o proclamamos em cada Missa: “Anunciamos a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição...”. Sendo consequente com esta proclamação de fé, Queiruga (2004, p. 251) considera que, quando a uma celebração eucarística associamos um determinado morto, dele também estamos dizendo: “anunciamos a morte e proclamamos a ressurreição” de nosso irmão, ou de nossa irmã morto/a. Assim como celebramos a morte e Ressurreição de Jesus de Nazaré, nele também celebramos a morte e Ressurreição, isto é, a plenitude da vida de nossos irmãos/as já falecidos/as.

O que deste modo estamos proclamando representa a utopia máxima da humanidade: vencer a morte, quebrar por fim suas mandíbulas, que, como repetia Ernest Bloch, são as mais horríveis devoradoras de toda esperança humana. Falar, pois, de celebração não constitui

um “como se”, um estilo retórico ou uma sutíliza litúrgica, senão uma verdade profunda e gloriosa. Porque na dor real da morte estamos celebrando a alegria, difícil, mas não menos real, da ressurreição e, apesar da terrível evidência do cadáver, estamos acompanhando alguém que goza da plenitude da vida (QUEIRUGA, 2004, p. 253).

Podemos, então, abrigar a mesma certeza do apóstolo sobre a vitória da Ressurreição e não temer nenhum tipo de morte, nem a física, porque, pela Ressurreição de Jesus, “a morte foi tragada na vitória. Ó morte, onde está a tua vitória? Morte onde está teu aguilhão?” (1 Cor 15, 55).

4 Outras teologias sobre a Ressurreição

Um confronto entre o pensamento de Queiruga sobre a Ressurreição com as ideias do teólogo Jon Sobrino e John Dominic Crossan permite sublinhar alguns

pontos em comum e sinalizar algumas diferenças, fazendo alguns destaques enriquecedores para o nosso tema.

4.1 Sobrino⁵: a Ressurreição segundo a realidade dos pobres de América Latina

Sobrino desenvolve seu pensamento teológico com base nos pobres, a quem ele considera o “lócus” privilegiado para realizar o fazer teológico.⁶ Isso provoca uma mudança radical na compreensão do fazer teológico, o qual, sem ignorar o *intellectus fidei*, passou a ser, preferencialmente, *intellectus amoris*, ou seja, uma teologia preocupada em “descer da cruz os povos crucificados” (SOBRINO, 2000, p. 26).

Para Jon Sobrino, conceber a teologia como *intellectus amoris*, inteligência da realização do amor histórico pelos pobres e do amor que nos torna afins à realidade de Deus, é a maior novidade teórica da Teologia da Libertação, tornando-a mais bíblica e mais relevante histori-

⁵ Jon Sobrino é oriundo também da Espanha, mas desde o início de seu ministério sacerdotal viveu em El Salvador, país que ele mesmo denomina sua pátria. É hoje um dos maiores expoentes da Teologia da Libertação: “foi forjando sua linha de pensar e fazer teológico no confronto com a injustiça e a opressão de El Salvador, numa Igreja Latino-Americana, que pouco a pouco se abria à causa privilegiada do Evangelho de Jesus Cristo: os pobres” (FORMOSO, p. 21).

⁶ O Documento da Conferência de Aparecida (V CELAM, 2007, n°272) reafirma que os pobres e sofridos são um lugar privilegiado para nos encontrar com Jesus Cristo, conseqüentemente, são lugar, *locus* para desenvolver o fazer teológico.

camente e levando-a a ser *mistagógica*, oferecendo o amor como caminho primário que nos torna semelhantes a Deus (FORMOSO, 2005, p. 22).

Percebemos, então, que os contextos históricos, políticos e até eclesiais de Queiruga e Sobrino são muito diferentes, o que, sem dúvida dá tons diferentes ao seu pensar e fazer teológico. Em distintas oportunidades, Queiruga manifestou sua simpatia e sintonia teológica com este teólogo latino-americano,

Nos últimos tempos, tenho a sorte de coincidir com Jon nos trabalhos comuns da revista *Concilium*. Se antes eu admirava sua obra, agora admiro e agradeço muito mais a pessoa cristã, humilde e comprometida, fraterna e cordial, sempre pensando – ele, gravemente vulnerado pela enfermidade – no sofrimento dos pobres e humildes, de todas as vítimas da história. Por isso, não vou aqui fazer uma defesa de sua teologia, com a qual me sinto identificado e da qual aprendo sempre naquelas dimensões em que o meu pensamento, embora aberto a elas e contribuindo para sua fundamentação, não sabe entrar com a lucidez e a paixão que caracterizam o seu pensamento (QUEIRUGA, 2007).

Ambos os teólogos manifestam a mesma preocupação diante da necessidade de buscar explicitar uma nova compreensão do mistério da Ressurreição. Sobrino afirma: “seria um contrassenso, de fato, afirmar que a

ressurreição é central em nossa fé e não compreender sequer do que se está falando quando a mencionamos” (2000, p. 33). Tanto para Queiruga como para o autor latino-americano, o mistério da Ressurreição de Jesus é central para a compreensão da cristologia, do mistério de Deus Trindade e também para uma verdadeira compreensão do ser humano.

Segundo Queiruga (1999, p. 154),

Sem a ressurreição, Cristo deixaria de ser ele; tudo o mais seria o maior e melhor na linha dos profetas, porém um fracassado... O Pai ficaria em sua distância e em seu silêncio, não sabemos se impotente ou desinteressado, diante da tragédia do sofrimento humano. O homem se sentiria uma vez mais abandonado a si próprio, perdido entre sua angústia real e uma esperança que parece cada vez mais impossível.

Para Sobrino (2000, p. 38),

Com a ressurreição, o Novo Testamento proclama não só uma novidade cristológica, mas anuncia uma novidade pluralente em três dimensões. A primeira novidade é sobre o próprio Deus. O Deus que ressuscita Jesus não é já simplesmente Javé. É um novo Deus pela inédita ação escatológica que realizou em Jesus; e, com base nela, se poderá ir compreendendo-a trinitariamente. A segunda novidade é a de Jesus. Do que aconteceu a ele se passará a refletir sobre a sua própria realidade, e daí

se chegará à proclamação de sua indissolúvel união com Deus. A terceira novidade é sobre nós mesmos, os seres humanos.

O teólogo da libertação, em coerência com seu fazer teológico, vai analisar a Ressurreição baseado na esperança das vítimas. Para ele, “os crucificados da história serão o lugar privilegiado para compreender a Ressurreição de Jesus (SOBRINO, 2000, p. 28). Como Queiruga, ele irá desenvolver sua reflexão sobre o mistério da Ressurreição, tendo como fio condutor as três perguntas kantianas: “o que posso saber?”, “o que posso fazer?”, e “o que me é lícito esperar?”, mas Sobrino agrega uma quarta pergunta: “O que podemos celebrar na história?”. Esta pergunta tem sentido para ele (2000, p. 61) porque, sem captar o que já existe de celebração na história, não se pode compreender a realidade latino-americana a partir de onde nos perguntamos pela Ressurreição.

Por mais que Queiruga não formule esta pergunta diretamente, sua reflexão teológica também nos leva a buscar descobrir a presença de Deus na história, na realidade na qual Ele está permanentemente criando, “trabalhando”, o que é motivo de festa e alegria para os seres humanos.⁷

Sobrino busca compreender o mistério da Ressurreição com base em uma realidade antropológica essencial, a esperança do ser humano. Ele mesmo diz (2000, p. 61) que, se o ser humano não fosse por natureza “ser de esperança”, ou não pudesse nunca realizá-la a longo da história, os textos sobre a Ressurreição seriam incompreensíveis. Esse autor, submerso na realidade de injustiça e pobreza do povo salvadorenho, busca, por meio de seu fazer teológico, apresentar um Deus que não se esqueceu de seu filho, de seu povo senão que está sofrendo com ele, ao seu lado, e mais ainda exerce seu poder de amor fazendo justiça, ressuscitando o Crucificado, os crucificados/as. Aqui está o núcleo central da boa nova da Ressurreição para Sobrino. Não é por acaso que o Ressuscitado é Jesus de Nazaré crucificado; a Ressurreição é manifestação de um Deus que faz justiça, não deixa que o justo inocente pereça. Esta afirmação fiel aos textos evangélicos (At 2,24) é também uma proclamação de esperança para os milhões de homens e mulheres que vivem situações de morte, de injustiça.

Sobrino (2000, p. 71) explica por que a Ressurreição de Jesus é esperança para todos os crucificados:

⁷ Cfr. 3.2.2.1, p. 28.

A ressurreição de Jesus é esperança em primeiro lugar para os crucificados da história. Deus ressuscitou um crucificado e a partir de então há esperança para os crucificados. Estes podem ver em Jesus ressuscitado o primogênito dentre os mortos, porque em verdade o reconhecem como o irmão maior.

E em outro texto o mesmo autor afirma:

A teimosia da esperança é o que a ressurreição disse em último termo aos crucificados; e o diz porque é manifestação não só do poder, senão do amor de Deus. O puro poder não gera necessariamente esperança, mas otimismo calculado. Porém, o amor transforma as expectativas em esperança. O Deus crucificado é o que faz crível ao Deus que dá vida aos mortos, porque o mostra com um Deus de amor e por isso como esperança dos crucificados (2007, p. 5).

Junto com este conceito de esperança, Sobrino considera também a práxis, o seguimento de Jesus que é disponibilidade para construir o reino, outra condição que faz possível conhecer a Ressurreição. Embora seja certo que a Ressurreição de Jesus responde transcendentemente à esperança, ela não se opõe à práxis. Pelo contrário, estão intimamente ligadas, até é possível afirmar

que a esperança na Ressurreição leva a uma práxis comprometida em descer da cruz os povos crucificados.⁸

No estudo do relato das aparições, o autor mostra esta unidade entre Ressurreição e práxis, Ressurreição e missão e, mais ainda, a necessidade de estar disponível ao serviço do reino para aceder ao mistério da Ressurreição.

A ressurreição é algo que por sua própria natureza exige ser testemunhado e, portanto, algo que desencadeia em princípio uma missão. Quem não tivesse a abertura para testificar não poderia compreender o que se disse sobre a ressurreição de Jesus. Desta forma se está dizendo que a disponibilidade para testemunhar – para um fazer – é necessária para a apreensão da ressurreição (SOBRINO, 2000, p. 76).

Compreender que Jesus foi ressuscitado levou a primeira comunidade a não escamotear esforços na comunicação dessa boa nova a todos os povos, mesmo sofrendo diferentes desafios, perseguições e martírios. Já o menciona Paulo na sua segunda carta ao Coríntios:

Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo;⁹ somos perse-

⁸ Cfr. VIRGIL, José Maria (Org). *Bajar de la cruz a los pobres*: Cristologia de la liberación. Disponível em: <www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales> Acesso em: 4 jun 2007.

guidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados.¹⁰ Sem cessar e por toda parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo.¹¹ De fato, embora estejamos vivos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.¹² Desse modo, em nós trabalha a morte; e em vocês, a vida (2 Cor 4, 8-12).

Isso quer dizer que conhecer o Ressuscitado, viver a Ressurreição, significou para a comunidade primitiva abraçar a proposta de vida e a causa de Jesus de Nazaré e continuar sua missão, convertendo-se, assim, em instrumentos de ressurreição. Igual a Queiruga, este autor considera que existe uma íntima unidade entre a ressurreição de Jesus e a experiência de Ressurreição dos cristãos/ãs; assim como entre viver ressuscitados e compromisso com o tempo histórico que vivem. Para Sobrino,

A ressurreição de Jesus aponta para o futuro absoluto e para o presente histórico. Jesus é já o Senhor, e os crentes são já os homens e mulheres novos. A ressurreição de Jesus não os separa da história, mas os introduz nela de uma nova forma, e os crentes no ressuscitado devem viver já como ressuscitados nas condições da história. Mas ainda existe uma correlação entre ambas as novidades: o senhorio atual de Jesus mostra que existem os

homens novos, e estes são os que fazem realidade *in actu* e que Jesus seja já agora o Senhor (2007, p. 5).

Cabe-nos perguntar qual seria hoje a práxis concreta dos cristãos/ãs que faria possível testemunhar e assim fazer presente pela força do Espírito o Ressuscitado. Para poder responder a esta questão, devemos levar em conta as duas características, que Sobrino assinala, da missão da comunidade cristã desde os inícios, que consiste, por um lado “na pregação de fato da ressurreição de Jesus”, e, por outro, “no serviço ao conteúdo daquilo que se prega, o serviço a que hoje se faça realidade o expresso na esperança da ressurreição” (2000, p. 78).

Pregar a Ressurreição é afirmar uma ação de Deus historicamente “impossível”, mas que é real, daí que a práxis adequada para o autor (2000, p.78) “seria aquela que mostre algum grau de impossibilidade histórica”, ou seja, a realização de um bem que expresse aquilo que historicamente é impossível, de forma que possa continuar afirmando que o impossível se fez possível.

Seguindo a característica do serviço ao conteúdo daquilo que se prega, a práxis exigida é que se faça justiça as vítimas deste mundo, nas palavras citadas tantas vezes “se desça da cruz os povos crucificados”. “É esta uma práxis em favor das vítimas, dos crucificados da história, práxis que procura fazer em ponto pequeno, sem

nenhuma *hybris*, claro aquilo que o próprio Deus faz: descer da cruz a vítima Jesus” (SOBRINO, p. 78).

4 Crossan⁹: a Ressurreição segundo o diálogo entre a fé e a ciência

Neste último item, refletimos sobre o conceito de Ressurreição em John Dominic Crossan. Sua obra mais importante é uma série de três livros sobre o Jesus histórico. O primeiro, *O Jesus histórico. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo* (1991), é o texto que tomaremos por base para a nossa reflexão.

Como diz o título do livro, para este autor, Jesus foi um camponês judeu do Mediterrâneo, filósofo, estóico, anunciando e dramatizando o regime presente do reino de Deus. A maneira principal pela qual Jesus dramatizava e apresentava a igualdade característica do reino de Deus, era pelas refeições comuns que ele fazia com todos os pecadores e fariseus.

Então, a preocupação ou inquietação que atravessa a obra de Crossan é a reconstrução histórica de Jesus,

a qual tem de ser compreendida dentro do judaísmo de seu tempo. Segundo Lopes (2007):

Crossan considera que o *background* do Jesus original é a vida errática e itinerante dos filósofos cínicos daquela época em combinação com as tradições proféticas dos judeus, que formavam o fermento religioso da sociedade onde Jesus viveu. E é daqui que Crossan parte para descrever Jesus como um camponês impregnado por esse fermento religioso.

Nessa reconstrução histórica, o autor, ao estudar os evangelhos, segue a tendência de reconstruir Jesus à luz do seu mundo social. Esta abordagem sociopolítica no estudo dos evangelhos é importante porque traz à luz a dimensão social e política do reino de Deus. Crossan toma também como fontes os evangelhos apócrifos de Pedro e de Tomé, que, em sua opinião, contêm informações importantes que os quatro evangelhos canônicos não têm.

Para Lopes (2007), existem certas dificuldades em aceitar todas as fontes empregadas por Crossan para desenvolver seus estudos. O teólogo irlandês, na sua metodologia de pesquisa do Jesus histórico, vale-se especialmente, do auxílio de três ciências: a antropologia social, a

⁹ John Dominic Crossan, teólogo irlandês, nascido em 1934, vive atualmente nos Estados Unidos. É um dos autores mais conhecidos e prolíficos na área da pesquisa das origens do cristianismo. Ele é reconhecido como a maior figura na área de arqueologia bíblica, antropologia e crítica dos textos do Novo Testamento.

história e a literatura. Crossan (1994, p. 28) mesmo diz que sua metodologia está baseada num processo triádico: a campanha, a estratégia e as táticas. Explicando-o:

A primeira tríade diz respeito à interação entre um nível macrocômico, onde fiz uso da antropologia social intercultural e transtemporal, um nível mesocômico, onde recorri à história helenística ou greco-romana, e um nível microcômico, representado pela literatura composta por sentenças e episódios específicos, histórias, anedotas, confissões e interpretações a respeito de Jesus (CROSSAN, 1994, p. 28).

O autor é consciente dos problemas que suscita sua obra e seu método de pesquisa, as últimas palavras do seu livro anteriormente citado o revelam com clareza.

Este livro é uma reconstituição acadêmica do Jesus histórico. Ainda que se aceitem os seus métodos formais, o material escolhido, é possível chegar a interpretações diferentes a respeito do Jesus histórico atingível. Esta obra e a busca pelo Jesus histórico, no entanto não podem ser descartadas como uma mera reconstituição. Para o cristão fiel, tanto a vida quanto o texto da Palavra de Deus são um processo graduado de reconstituição histórica (1994, p. 464).

Esta pequena introdução, conhecimento do autor e de sua intenção de pesquisa, nos ajuda a aprofundar a

compreensão que ele tem do mistério da Ressurreição. Contudo, se a linha deste autor é a história, a historicidade, sua compreensão de Ressurreição não pode escapar de esse foco, ou melhor ainda, vai ser com base nele.

De alguma maneira podemos observar que Crossan, como Queiruga, busca explicitar a Ressurreição em categorias modernas, já que esta categoria história atravessa e revoluciona o pensamento moderno. Igual ao teólogo espanhol, para Crossan (1995, p. 242), o túmulo vazio ou um corpo em ascensão, suscetível à comida ou ao toque, eram modos dramáticos de experimentar a fé nesse tempo e contexto, mas não podem ser considerados como fundamentos da Ressurreição.

Para Crossan, não há nada de histórico na descoberta do túmulo vazio. As aparições também não são eventos históricos no sentido de transes ou êxtases, exceto no caso de Paulo. Mas ele (1995, p. 235) ainda considera que os relatos das aparições não visam a descrever uma experiência histórica, mas são uma expressão das disputas por liderança nas comunidades nascentes.

Por sua vez, como Dufour (1973, p. 24), que disse: “uma leitura atenta dos textos (narrativas pascais) lança um desafio a quem pretenda fazer concordar as diversas narrativas tanto no tempo como no espaço”, Crossan também chama a atenção à mudança radical que aconte-

ce nos evangelhos ao passar dos relatos da morte e do enterro de Jesus para os da sua Ressurreição e aparição.

É mais fácil compor uma única versão coerente das primeiras narrativas, até o momento que se encontra o túmulo vazio, mas é impossível fazer isso com as tradições posteriores. Se todos esses relatos eram provenientes de uma memória coletiva e de recordações históricas, é de se surpreender que fosse possível fazer uma descrição minuciosa da morte e do enterro de Jesus, enquanto existia uma discrepância quase completa no que diz respeito a um aspecto que seria ainda mais importante: a volta extraordinária de Jesus para o mundo dos vivos, com o objetivo de transmitir aos seus discípulos o mandato missionário e a missão apostólica (CROSSAN, 1994, p. 433).

As contradições encontradas entre os relatos evangélicos sobre a Ressurreição levam a diferentes perguntas: Como se explica o que aconteceu na Páscoa? Não foram as aparições do domingo de Ressurreição que restauraram a fé? O que há então de histórico nas narrativas da Ressurreição? Para responder a essas perguntas, o teólogo irlandês se remete a fontes históricas, cita um texto de Josefo e outro de Tácito:

Naquela época, ali viveu Jesus, um homem sábio... Pois ele era capaz de proezas surpreendentes e ensinava as

pessoas a aceitarem a verdade com alegria. Ele conseguiu converter muitos judeus e muitos gregos... Quando Pilatos, ao saber que ele havia sido acusado pelos homens mais influentes dentre nós, condenou-o à crucificação, aqueles que o amavam em primeiro lugar não desistiram de sua afeição por ele... E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não desapareceu até hoje (JOSEFO apud CROSSAN, 1995, p. 242).

O segundo texto,

Cristo, o iniciado do nome, foi condenado à morte no reinado de Tibério, por sentença do procurador Pôncio Pilatos, e a pernicioso superstição foi reprimida naquele momento, para depois surgir mais uma vez, não apenas na Judeia, a pátria da doença, mas na própria capital, onde todas as coisas horríveis ou vergonhosas do mundo se juntam e encontram eco (TÁCITO apud CROSSAN, 1995, p. 242).

Nesses textos, existem três pontos que podem ser considerados históricos: 1) houve um movimento, 2) as autoridades judaicas e Pilatos executaram o fundador desse movimento, e 3) apesar da morte do fundador, o movimento espalhou-se. Por mais que se trate de fatos históricos, nenhum dos dois textos explica como foi possível que o amor dos cristãos a esse judeu chamado Jesus se mantinha intacto e o contágio de sua proposta se espalhasse.

Para Crossan (1995, p. 243), o Jesus histórico não mandou ninguém falar sobre ele ou trazer outros a ele. Ele lhes disse que podiam fazer exatamente o que ele estava fazendo. Podiam curar um ao outro, compartilhar sua comida, e, por conseguinte, trazer o Reino para seu meio.

A centralidade da vida e pregação de Jesus é o Reino de Deus, para isso ele veio a este mundo. Quando João Batista manda lhe perguntar “És tu ‘Aquele que vem’ ou devemos esperar outro?” (Lc 7,29), Jesus responde agindo, curando muitas pessoas de diferentes doenças e logo disse aos enviados de João: “Ide e relatai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos recuperam a vista, os coxos andam direito, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres” (Lc 7, 22).

Os atos e palavras de Jesus são todos eles sinais de que o Reino de Deus está no meio deles, já chegou. Depois da morte e Ressurreição de Jesus, seus discípulos e discípulas assumem a causa de seu mestre e vivem e fazem o mesmo que escutaram e viram Jesus fazer.

Crossan (1994, p. 303) faz uma observação importante sobre as objeções que ele tem da palavra Reino e o sentido que lhe dá. De certo modo, ele não gosta porque a considera uma palavra androcêntrica e porque possui um caráter físico. Em suas palavras, quando falamos em Reino:

Estamos falando, na verdade, de poder e domínio, de um Estado, e não de um lugar ou, se preferir, de um lugar que só existe por causa de um Estado... e quando falo de Estado estou me referindo a uma maneira de viver e não a um império. O reino de Deus é um grupo de pessoas sob o controle divino.

Ao entender o Reino de Deus como uma maneira de viver, de se comportar neste mundo, e tendo em conta o que o Novo Testamento nos relata da vida da comunidade primitiva, podemos afirmar então que o reino de Deus continua. É importante compreender também em que consiste esse poder divino. O poder de César ou do império é um poder que domina e reprime, enquanto o poder manifestado por Jesus, o poder que instaura o reino, é um poder que liberta.

O evangelista Lucas o expressa claramente: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento da parte do Senhor” (Lc 4, 18, 20).

Para Crossan (1995, p. 243), o movimento do reino era mais de autorização do que de dominação. O Deus daquele reino autorizava as pessoas, diferentemen-

te de César, cujo reino as dominava. Os discípulos e discípulas de Jesus são por ele autorizados a continuar o movimento do reino. O reino não pertence a Jesus, por isso matá-lo não foi acabar com o reino.

Para Crossan, o que aconteceu depois da morte de Jesus foi que seus amigos e amigas começaram a experimentar que o Reino de autorização estava ainda presente, ainda operativo. Segundo ele (1995, p. 244), não importa como se expressava essa autorização. O fundamental é que a presença de Jesus era ainda sentida como autorização, não apenas por aqueles que o tinham conhecido antes, mas por outros que ouviam a seu respeito, agora, pela primeira vez. Assim, aquele que tinha morrido crucificado, e do qual a primeira comunidade era testemunha, era agora experimentado vivo, na experiência de autorização, de poder que a comunidade primitiva sentia para ter a coragem de viver da mesma forma que Jesus (reino), assumindo o risco de sofrer por isso sua mesma morte.

Isso tem muita similitude com o que já citamos de Queiruga no segundo capítulo ao falar da convicção da primeira comunidade sobre a Ressurreição de Jesus, uma convicção que se refere a algo real, a ponto de estar disposta a dar a vida por ela.

Por mais que este teólogo irlandês-americano, como os outros citados neste trabalho, considere que a fé na Páscoa não é mais nem menos do que um mistério da Ressurreição, que ele não tem a pretensão de explicar, ele se arrisca a afirmar que

A própria fé cristã era a experiência da presença autorizadora continuada de Jesus, não importa como isso fosse expressado, nem explicado, nem defendido em discurso público. Foi a presença continuada do absolutamente mesmo Jesus num modo de existência absolutamente diferente (CROSSAN, 1995, p. 243).

Para finalizar, podemos dizer que os três teólogos buscam, em fidelidade criativa a Deus e ao contexto histórico que lhes toca viver, desenvolver sua teologia sobre a Ressurreição. Queiruga, desafiado pela modernidade, busca ressignificar a experiência da Ressurreição para que a mesma seja interpretada e comunicada nas categorias deste tempo e assim poder estabelecer, desde o núcleo central da fé cristã, um diálogo fluido com a cultura e as religiões atuais. Enquanto o que urge ao teólogo Sobrino é, como já mencionamos antes, “descer da cruz os povos crucificados”. E é assim que ele entende a Ressurreição: levar adiante a árdua tarefa de ressuscitar os crucificados deste mundo. Finalmente, Crossan, interpelado

pelas ciências, busca explicitar o mistério da Ressurreição desde a reconstrução do Jesus histórico com a ousada metodologia que envolve história, literatura e antropologia.

6 Conclusão

O estudo da experiência da Ressurreição, especialmente no pensamento do teólogo Andrés Torres Queiruga, intrigou-nos e levou-nos a fazer certas reflexões, que estão discriminadas a seguir.

Em primeiro lugar, destacamos sua afirmação, com que compartilmos plenamente, sobre a permanente ação de Deus em nossa vida. Ação criadora e ressuscitadora presente em tudo o que foi criado, que faz tudo nos falar dele; ainda aquelas situações ou realidades de morte, o que leva-nos a ter um novo olhar, e até posicionamento, no mundo. Isso é desafiante para o cristão/ã de hoje, que sente tão fortemente a cultura da desesperança, do desânimo, mas é possível continuar anunciando e lutando por um mundo melhor, porque o Deus da vida não só tem a última palavra, mas está nos mantendo com sua Palavra.

Seguindo a categoria de “sinais dos tempos”, que aprendemos do Concílio Vaticano II, somos novamente

impelidos/as a buscar Deus em todas as coisas criadas, nos acontecimentos da vida diária, nos fatos da história, porque, como disse Queiruga (1995, p. 441), na medida em que algo é, está sendo manifestação de Deus, de sua presença criadora. O seguinte poema, de nossa autoria, nos “revela” o poder silencioso da ação do Deus da vida:

A vida esta crescendo
Silenciosamente,mas avança,
abrindo sulcos de esperança,
fazendo germinar novos brotes.
O frio, o vento, a seca se sentem,
mas a seiva da resistência
é mais forte.
E a vida continua crescendo,
apostando no futuro,
sabe que na morte da semente
a terra gera frutos de eternidade.

Queiruga então, em nossa opinião, nos faz o ousado convite de “entrar em sintonia” com essa ação de Deus, para assim conhecê-lo mais e colaborar com ele em seu “trabalho” de salvação. Entretanto, segundo Queiruga, esse “entrar em sintonia” com a ação de Deus é obra do Espírito: foi ele que permitiu que os discípulos/as tivessem, a “capacidade significativa” para descobrir, vivenciar e compreender que Jesus de Nazaré, o crucificado, estava vivo no meio da comunidade.

Mediante a oração, a leitura do Antigo Testamento, a memória do vivido com Jesus, os acontecimentos posteriores à sua morte, a partilha entre eles, elas, os/as discípulos/as começaram a perceber que seu Mestre estava vivo, tinha ressuscitado e com Ele sua comunidade também ressuscitou. Conheceu em suas entranhas o rosto de Deus da vida, da comunhão, da justiça; participou do parto da Ressurreição que gera uma comunidade missionária portadora de vida e esperança para os povos da terra.

Essa experiência comunitária de Ressurreição, na qual se funda a primeira comunidade, foi comunicada através dos séculos em diferentes línguas, formas, expressões, criando-se e recriando-se a Igreja ao longo da história até hoje. Cabe perguntar sinceramente aos cristãos/as de hoje, o que é que nós comunicamos? De que somos testemunhas? Podemos, como a comunidade de João, proclamar: “A vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho (1 Jo 1, 2), ou continuamos falando de

um Deus da lei, que nos ama na medida em que cumpramos certas normas ou preceitos?”¹⁰

Aqui entra, a nosso ver, um dos grandes desafios que lança o teólogo espanhol ao afirmar, apoiado na tradição neotestamentária, que é possível hoje viver a experiência de Ressurreição, porque o mesmo Espírito que atuou nos primeiros discípulos/as de Jesus continua atuando na humanidade, fazendo saltar a “faísca” (cf. QUEIRUGA, p. 35). É possível, porque Jesus está vivo no meio de nós, oferecendo-nos sua amizade para percorrer juntos/as o caminho da vida, seguindo seus passos na solidariedade e compromisso com nossos irmãos/as.

Em síntese, é possível viver hoje ressuscitados/as e ser como a primeira comunidade “testemunhas maiêuticas”, que nossa vida, nosso trabalho, nossas palavras colaborem no novo parto de vida eterna que Deus está dando à luz no coração dos homens e mulheres de hoje.

Os três autores citados no trabalho coincidem na afirmação de que viver ressuscitado é abraçar o mesmo

¹⁰ Cfr.: Não resiste ao embate dos tempos uma fé católica reduzida à bagagem, ao elenco de normas e proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos fracos que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça “é o cinza pragmatismo da vida cotidiana da Igreja na qual aparentemente tudo procede com normalidade, mas em realidade a fé se vá desgastando e degenerando em mezinharria”. A todos nos toca “recomeçar desde Cristo”, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, senão pelo encontro com um acontecimento com um Pessoa, que da um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (V CELAM, nº 13).

caminho de Jesus de Nazaré, ou seja, viver a dinâmica da encarnação, o princípio da solidariedade com o gênero humano, especialmente com os mais pobres, para juntos com eles/elas, movidos pelo Espírito, iniciemos o lento, mas certo processo de Ressurreição.

A experiência de Ressurreição é um processo comunitário, uma experiência comunitária. Não se trata de uma experiência pessoal, embora se viva pessoalmente. Jesus não ressuscita sozinho. Ele ressuscita com seu corpo, a humanidade, com a qual se tinha feito um no momento da encarnação. Isso rompe com o individualismo cultural tão presente na experiência e na vida religiosa. Ninguém se salva sozinho, ninguém ressuscita sozinho: por mais que a salvação e a Ressurreição sejam pessoais, leva a marca das relações comunitárias.

O texto do profeta Ezequiel, que nos oferece a liturgia da vigília pascal, é um dos mais bonitos do Primeiro Testamento na hora de expressar a dimensão comunitária da experiência de Ressurreição, narrada claramente como um processo obra do Espírito de Deus.

A mão de Javé pousou sobre mim e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos. E o espírito me fez circular em torno deles, por todos os lados. Notei que havia grande quantidade de ossos espalhados pelo vale e que estavam todos secos. Então Javé me dis-

se: “Criatura humana, será que esses ossos poderão reviver?” Eu respondi: “Meu Senhor Javé, és tu que sabes”. Então ele me disse: “Profetize, dizendo: Ossos secos, ouçam a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão. Vou cobrir vocês de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé”.

Profetizei de acordo com a ordem que havia recebido. Enquanto eu estava profetizando, ouvi um barulho e vi um movimento entre os ossos, que começaram a se aproximar um do outro, cada um com o seu correspondente. Observando bem, vi que apareciam nervos, que iam sendo cobertos de carne e que a pele os recobria; mas não havia espírito neles. Então Javé acrescentou: “Profetize ao espírito, criatura humana, profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Espírito, venha dos quatro ventos e sobre nestes cadáveres, para que revivam”. Profetizei conforme ele havia mandado. O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso (Ez 37, 1-10).

A última reflexão que fazemos neste trabalho, última por escrito, mas não em pensamento, é sobre a esperança cristã, que não pode ser trasladada só para depois da morte: a esperança é para ser vivida nesta vida. Ao acreditar que a Ressurreição de Jesus irrompe na nossa

história, gera nela uma nova esperança, que é força de luta e alento na construção do reino, que já está presente, mas ainda não todos/as o vivenciam como próprio/a. Na comunidade dos ressuscitados/as, a esperança é a chama acessa que não nos permite baixar os braços, ou desistir diante da violência, injustiça, incredulidade ou outras dificuldades de nosso mundo de hoje, mas encoraja-nos para continuar nossa peregrinação, enfrentar lucidamente os perigos “modernos” e fazer realidade que outro mundo é possível... até que cheguemos à nossa meta: os braços do Deus Pai e Mãe comum.

Concluo com um poema de Mario Quintana, que canta a esperança, confiando que o Espírito do Ressuscitado a mantenha sempre viva no coração da humanidade, e, se algum dia, parecer que se apaga, ele volte a ascender das cinzas.

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
 Vive uma louca chamada Esperança
 E ela pensa que, quando todas as sirenas,
 Todas as buzinas,
 Todos os reco-reco tocarem
 Atira-se
 E – o delicioso voo!
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
 Outra vez criança...

E em torno dela indagará o povo:
 – Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
 E ela lhes dirá
 (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
 Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
 – O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Mario Quintana

Referências

- BIBLIA SAGRADA. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOFF, Leonardo. *A nossa ressurreição na morte*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COMPÊNDIO DO CONCILIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- _____. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Quem matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FORMOSO, Ana. *A Teologia da Ressurreição em Jon Sobrino*, Porto Alegre, PUCRS, 2005. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, 2005.
- FREIJÓ, Manuel. *Ressurreição. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.

DUFOUR, Xavier Léon. *Resurrección de Jesus y mensaje Pascual*. Salamanca: Sígueme, 1973.

_____. *Leitura do evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1996.

GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2004.

GUTIERREZ, Gustavo. *Beber em su propio pozo*. Salamanca: Sígueme, 1989.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LOPES, Augusto. *John Dominic Crossan. O Jesus histórico. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Disponível em: <www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vol04/num02/resenhas/John_Dominic.pdf> acesso em: 24 maio 2007.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *O cristianismo no mundo de hoje*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Repensar a Cristologia*. Sondagens para um novo paradigma. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Repensar a Ressurreição. A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *O caso Jon Sobrino como sintoma. Notícias diárias IHU*. Disponível em <www.unisinos.br/ihu>. Acesso em: 2 maio 2007.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. El Resucitado es el Crucificado. Lectura de la resurrección de Jesus desde los crucificados del mundo. *Revista electrónica latinoamericana de Teología*, n.219. Disponível em: <www.servicioskoinonia.org/relat/> Acesso em: 23 maio 2007.

V CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE. *Documento conclusivo. Versión no oficial*. 2007 Disponível em <www.estadao.com.br/ext/especial/extraonline> Acesso em 8 jun 2007.

VIRGIL, José Maria (Org). *Bajar de la cruz a los pobres: Cristologia de la liberación*. 2007. Disponível em: <www.servicioskoinonia.org/Libros-Digitales> Acesso em: 4 jun 2007.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng



Maria Cristina Giani, membro da Comunidade Missionárias de Cristo Ressuscitado, é bacharel em Teologia, pelo Curso de Teologia do Centro Universitário Unilasalle. Atualmente, integra a Equipe de trabalho do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no qual atua no Serviço de Atendimento Espiritual presencial e on-line e no Espaço de Espiritualidade oferecido em EAD.